



de verdade

Eduardo Sabino **Débora Gil** **Pantaleão Bruno** **Ribeiro** **Isabor Quintiere**
Ivandro Menezes **João Matias** **Jennifer Trajano** **Johniere Alves** **Ribeiro**
Mirtes Waleska Sulpino **Tiago Germano** **Cristiano Silva Rato** **Cinthia**
Kriemler **Tiago D. Oliveira** **Wander Shirukaya** **Matheus Borges**
T.K. Pereira **Clarissa Macedo** **Rita Santana** **Ezter Liu** **Philippe Wollney**
Arthur Telló **Deyse Luna Freire** **Marco Severo** **Carvalho Junior** **Roberto Menezes**

ORG. BRUNO RIBEIRO



F. DE VERDADE

F. DE VERDADE

Participam desta antologia

Arthur Telló

Bruno Ribeiro

Carvalho Junior

Cinthia Kriemler

Clarissa Macedo

Cristiano Silva

Débora Gil Pantaleão

Deyse Luna Freire

Eduardo Sabino

Ezter Liu

Isabor Quintiere

Ivandro Menezes

Jennifer Trajano

João Matias

Johniere Alves Ribeiro

Marco Severo

Matheus Borges

Mirtes Waleska Sulpino

Philippe Wollney

Rita Santana

Roberto Menezes da Silva

T.K Pereira

Tiago D. Oliveira

Tiago Germano

Wander Shirukaya

Sambas sobre escombros, XIX.

Philippe Wollney

:{ que esfinge de cimento e alumínio arrombou seus crânios e devorou seus cérebros e imaginação? }: Allen Ginsberg

é impossível pensar
na sua dita transgressão
da linguagem
quando subversão e subserviência
são dois párias da mesma
moeda

em um muro na palestina
um pixo ثورة

a palavra
não quebra vidraça
me leve a mal
mas não me leve a mão

ando obscuro demais
revirando covas
etnoterrorismos
bibliotecas perdidas
florestas rendidas
robôs submarinos
pedreiros desaparecidos
índio escalpelados

um funk-revolta
contando na caderneta
quantas vítimas foram feitas
pela milícia-política
nesse doismiledezespero

toda minha poesia
posta em cheque sem fundo

toda a minha desconfiança
da *nova era* e do *velho eros*

esse meu olhar
mar-morto em chamas
esperando você voltar
para te ler um poema de amor no colchão
coar um café forte
para as minhas pernas
fraquejadas

e novamente a solidão
das palavras gastas

a violência das pequenas coisas

não trago verdade alguma
e não acredito em líderes menestréis

me tornei incrédulo e infiel
a tudo que é avesso
ao meu peito

eu tô pouco me fudendo
se você fuma pacaia ou *marlboro*
tenho espadas-de-são-jorge plantadas
no jardim de meu coração

aprendi num rap
a oração de *ogun*
tramando emboscada à poesia
que não se proponha
a ser
vida
neu

Philippe Wollney, nasceu em Goiana-PE, 1987. É poeta, produtor cultural e pai de Nina. Coordena o selo editorial Porta Aberta. Publicou “Trago é guerra dentro de mim” (2018); “Ruinosas Ruminâncias” (2017); “Desassossego: poemas para desastres sentimentais” (2017); *Caosnavial ou o sabor sujo* (2016), entre outros.

Poemas de Clarissa Macedo

Faísca

Ontem havia esperança
toda a esperança do mundo.

Hoje sou um estilhaço
um catálogo de dúvidas
e desejo.

Os pássaros não voam mais
e o dia que nasce
é o luto ordinário,
grave, posto sobre a mesa.

A boca diz o que o coração fala
e a dor é antiga:
chega, se instala
abre ocos na aorta, devagar,
para o aprendizado –

do enigma

da sutura

da ferida

da beleza.

Os fracassos... saúdam uns aos outros;
o que fica é o peso
a humilhação calcada nos olhos.

Digam que perdi:

que faltei às classes de empreendedorismo

e visitei às de angústia e miséria;

que não vou ao shopping

que rasguei os papéis e os comi.

Digam que perdi tudo:

a fé, o sonho, o dinheiro que não sobra

mas amo como se fosse eu o país

essa cavidade aberta

exposta, sangrando até a morte.

Terraço

Não há lugar em que eu me sinta em casa

Não há salvação.

A sirene roda alto

e o lá fora é meu tórax cheio de inverno e de vazios

:

minha mãe morta em 86

o maço de contas que me fazem

um número

o avô fugindo na mata

e os porões como almas que choram no caminho

Amei tanto que parei no meio

(o oco é um futuro sem volta

é minha humanidade depositada no meu cão)

Nosotros in USA

seríamos felizes talvez

ignorando o pano de chão no varal há trinta anos

o pó da mala

nossos parentes atravessando a rua do muro

roubando batatas direto da plantação;

e seria só um protesto tímido

a infelicidade que habita o tempo do futuro.

Conta bancária

O mundo todo

grande.

A gente largo,

pássaro, fundo.

A vida ao redor.

O caminho raso,

aço, nulo.

Clarissa Macedo, doutora em Literatura e Cultura, é escritora, revisora, professora e pesquisadora. Apresenta-se em eventos pelo Brasil e exterior (Cuba, Portugal, Peru, Espanha, Colômbia, Polônia). Integra coletâneas, revistas, blogs e sites. Publicou *O trem vermelho que partiu das cinzas* (Pedra Palavra) e *Na pata do cavalo há sete abismos* (Prêmio Nacional da ALB, 2014; em 2ª ed., 2017; e traduzido ao espanhol, 2017). Este ano integra o *Arte da Palavra* (SESC). Prepara novos livros. Contato: clarissamonforte@gmail.com

ZERÉSIMO

Marco Severo

Tendo sido estimulada pelos seus companheiros em velhice nas reuniões aos sábados a superar a morte do marido, Ana Elisa resolveu que era hora de recomeçar, aos 89 anos.

Bem quando um deles a acompanhou até em casa, lhe segurando gentilmente pelo braço, esbarrou com um gatinho na porta de entrada, que soltou um miau tão baixo e fino que chegava a ser quase clandestino. Olhou para os lados para ver se ninguém testemunhava a cena. Como não houvesse, pegou o minúsculo felino na mão e o colocou rapidamente para dentro de casa, onde deu-lhe água limpa e um pedaço de bife que havia tirado ainda pelo final da manhã da geladeira. Enquanto o gato comia, observou feridas por toda a sua barriga. Ligou para a sobrinha, Helena, e pediu que ela a ajudasse numa empreitada: precisava que ela a levasse para o veterinário. Mas tia, você sabe... Você pode me ajudar ou não?

O plano era que ela entrasse com o carro na garagem – Ana Elisa entraria no banco de trás com o bichano, que recebera o nome de Haddad, em homenagem ao último candidato democrático a presidência do Brasil, antes da ditadura que se instalara exatamente vinte anos antes. O animal estaria coberto em uma toalha, e assim seria levado ao veterinário.

Voltaram com o diagnóstico feito pelo veterinário e os remédios comprados. Ana Elisa agradeceu e se despediu da sobrinha. Quer que eu passe a noite por aqui?, ainda perguntou ela. Não precisa, gosto de estar sozinha, você sabe. E agora tenho o Haddad para dar atenção.

Com o bicho quieto ainda emaranhado na toalha, Ana Elisa foi para o quarto, onde se dispôs a cumprir as ordens do médico. Dormiram um ao lado do outro. Quinze minutos depois de não captar nenhum movimento no quarto, a televisão e as luzes se desligaram e o ar-condicionado ajustou a temperatura do ambiente automaticamente.

Haddad e Ana Elisa viveriam uma noite de paz.

Acordaram com batidas na porta. Ana Elisa percebeu que a campainha, que tocava no momento em que alguém se aproximava da entrada, já devia estar tocando há tempos. Quem quer que seja, acalme-se, eu já vou!, disse em sua voz miúda, enquanto tentava localizar os óculos e fechar a porta do quarto para que não vissem ou ouvissem seu gato. Quando ela viu quem era pela tela na sala onde era transmitida a imagem do que se passava lá fora, ela soube. Antes de abrir a porta passou a mão nos curtos cabelos brancos e enrijeceu a coluna o quanto pôde. Está acontecendo alguma coisa?, perguntou, ao abrir a porta. Um homem uniformizado entrou em sua casa sem se anunciar, enquanto um outro, na sua frente, olhou-a de cima a baixo. Onde está o gato?, quis saber? Que gato?, se fez de doida. Achei!, gritou o homem lá de dentro. A senhora, como todos os cidadãos e cidadãs desses país, sabe que é proibido ter animal em casa quando não se tem idade suficiente para viver mais do que eles de acordo com os cálculos governamentais. Por estar infringindo uma ordem do nosso Comandante Carlos Bolsonaro, a senhora seguirá conosco para formalizarmos o ato. O coração de Ana Elisa havia disparado. Ela sabia o que aquilo significava: havia sido denunciada. Por quem?, o questionamento passou por sua cabeça num átimo de segundo. Pelo veterinário? Pela sobrinha? Olhou para trás e viu o pequeno Haddad se debatendo violentamente dentro de um saco de plástico grosso, o olhar horrorizado. Ele também sabia. O animal sufocava com rapidez, por isso a agitação, numa vã tentativa de escapar da armadilha de seu captor. Então, quando o olhar de Ana Elisa cruzou com o do homem que segurava seu gatinho, ele apertou o nó dentro do saco num gesto brusco. Um gemido curto e o saco quase transparente se encheu de sangue. Ana Elisa mordeu a língua num reflexo e sentiu na boca o gosto do seu, também.

Estirou os braços e abriu as mãos em direção ao homem à sua frente. Viu o outro homem limpar as mãos nas paredes de sua casa. Ana Elisa ainda fez menção de olhar novamente para o saco plástico que ele carregava, mas achou melhor não. Ainda sentia na boca o gosto do sangue. Sabia que estavam unidos no mesmo destino.

O que parecia ser amargo como um refluxo asfíxiante no meio da noite transformou-se em acachapante convulsão social quando os boatos, ainda no período de campanha, de que Jair Messias Bolsonaro, presidente eleito do Brasil para o exercício do cargo entre 2019 e 2022, estava a morrer de câncer eram uma realidade incontornável.

Os rumores haviam começado a circular quando ele fora esfaqueado durante o cumprimento de sua agenda de campanha em Minas Gerais. Ao abrirem o então candidato para uma cirurgia, os médicos identificaram um câncer no abdome que ele ignorava. A cirurgia para remover o que podiam e salvar a vida de Bolsonaro foi um sucesso, a ponto dele poder ser transferido de hospital e depois cuidar-se em casa. Quando o boato surgiu, em meio a uma campanha conturbada, foi rapidamente dispersado pelo seu grupo como *fake news*, e o assunto, que ninguém sabia de fato de onde vinha, morreu.

Quando o candidato tornou-se presidente eleito, porém, percebeu-se que havia algo errado no momento em que todas as transmissões ao vivo pelo mundo mostravam um homem claudicante subindo a rampa do Planalto para tomar posse. Fazia um calor abafado naquele primeiro de janeiro de 2019. Tentando disfarçar a dor, mas sem conseguir camuflar o esgar em seu rosto, Bolsonaro foi empossado e, em seu primeiro pronunciamento como Presidente da República, avisou que, por ordens médicas, se afastaria do cargo por duas semanas para a retirada da bolsa de colostomia que vinha usando desde o ataque que sofrera meses antes. Novos rumores sobre a saúde do presidente foram inevitáveis, mas foram novamente silenciados por uma razão maior: a agenda de Bolsonaro, inédita para os brasileiros, era maior do que seu estado de saúde. Antes mesmo de sua cirurgia, começou a se articular para aprovar as novas medidas da previdência do país, que há anos vinha sendo noticiada como uma das grandes responsáveis pelos déficits orçamentários do governo – o que ocasionaria uma série de perdas para os cofres públicos, vindas de diversos setores.

Mas foi durante a nova cirurgia de Jair Bolsonaro que o vice-presidente, General Hamilton Mourão, temporariamente ocupando o cargo de presidente, resolveu fazer uma *live*, recurso amplamente utilizado pelo seu cabeça de chapa para fazer contato com seus eleitores e com a população em geral desde os tempos de campanha, explicando algumas questões que, segundo ele, estavam pairando há tempos nos bastidores e que precisavam ser externadas. Começou dizendo que “num passado recente do país” havia existido um vice-presidente que dissera que as palavras voam, mas os escritos permanecem, mas ele, no entanto, não era homem de escrever cartas, e nem tinha a intenção de fazer o que o então vice havia feito com a presidente eleita. Queria apenas deixar a população consciente do que estava acontecendo. Nosso presidente encontra-se numa situação muito delicada. Os boatos que começaram há alguns meses e eram aparentemente infundados, infelizmente, não são inverídicos, afirmou, ajeitando os óculos com os quais começara a aparecer em público mais livremente no rosto. A cirurgia pela qual Jair Messias

Bolsonaro está passando nesse momento para a retirada da bolsa de colostomia é também, asseguro eu à nação, uma cirurgia para tentar conter um câncer no abdome que já se espalha pelo intestino, fígado e pâncreas. Pigarreou e prosseguiu, Embora nós tenhamos de nos manter otimistas, existe um risco real de que Jair Bolsonaro não concluirá o mandato. Após a cirurgia, pedi expressamente aos médicos para informarem a real condição do presidente.

O que nunca veio a acontecer. Um gabinete de crise foi montado por todos os filhos de Bolsonaro em cargos eletivos. Flávio, Carlos e Eduardo Bolsonaro se reuniram com os ministro Paulo Guedes, Onyx Lorenzoni e o presidente do partido pelo qual se elegera, Gustavo Bebianno, na tentativa de pensarem em saídas para aquela situação. Não as há, não as há!, bravejava Onyx. O mal está feito. Eu sempre disse que esse Mourão não era de confiança. Disso nós todos sabíamos, cortou Flávio Bolsonaro, mas ninguém queria ter seu nome associado abertamente ao do meu pai. O Mourão foi o nome que sobrou. Vocês querem parar de debater besteira numa hora dessas e focar no problema, caralho?!, disse Eduardo Bolsonaro, os olhos vermelhos de ódio. E se mandarmos o portavoz dizer à imprensa que Mourão está exagerando os fatos, que mais uma vez os ignora, como fez durante toda a campanha? Aí é que está o problema, disse Flávio, Nós já dissemos demais que o que ele diz não tem valor. Agora ele é oficialmente o vice-presidente da república. Se formos para a televisão – ou para as redes sociais, que seja! – contradizê-lo, passaremos a imagem de um governo desorganizado, e isso pode acabar com nossa reputação dentro e fora do país. Então a gente faz o quê, admite que a situação é grave?, perguntou o ministro Onyx. Infelizmente, diante do estrago que foi feito, não podemos recuar. Vamos soltar uma nota da família logo após a cirurgia afirmando que o câncer, na verdade, foi descoberto há pouco mais de um mês e que a cirurgia foi apenas para a retirada da bolsa de colostomia, e que durante a cirurgia os médicos iam avaliar a extensão da doença e decidir o que fazer. E se os médicos fizerem uma coletiva e disserem a verdade, como pediu o Mourão?, perguntou Bebianno. Porra, Bebianno, quem é que manda nessa porra, é o Mourão ou a família?! O Mourão pode pedir a merda que ele quiser, os médicos não vão dizer nada sem antes falar com a gente, tá louco? Calma, Flávio, estou apenas ponderando as possibilidades. Se for assim, se apressem em falar com o hospital, o tempo de cirurgia, pelo que eu estou vendo aqui no relógio, já passou da metade.

Os dias que se seguiram observaram um melancólico Jair Bolsonaro de peruca, lábios ainda mais finos e pálidos e pele esverdeada, diziam que por causa do fígado, que já não tinha mais condições de funcionar apropriadamente. Bolsonaro sabia que não ia chegar ao fim do mandato. Nem queria, não havia mais forças, nem condições de governo ou parceria com seu vice. O presidente era, agora, um homem frágil. Sabia, entretanto, que o que importava não era a forma como você caía do cavalo, mas como você se erguia e tomava as rédeas do bicho de volta. Era nítido que não seria ele a fazer isso, mas deixaria um legado.

Com as forças minguando e uma voz rouca, mas o pensamento de uma tenacidade loquaz, Bolsonaro fez ligações e marcou reuniões, agenda que cumpriu a portas fechadas, enquanto isolava seu vice Mourão. Tinha muito prestígio com os militares. Havia chegado a hora de utilizá-lo.

O dia seguinte ficou conhecido como o dia que não começou, porque os fatos que vieram a seguir nada mais eram do que desdobramentos dos dias anteriores, quando Bolsonaro conseguiu colocar os militares nas ruas, prender o vice, Hamilton Mourão, fechar o congresso e o STF, como havia afirmado seu filho Eduardo dias antes das eleições.

Duas foram as medidas implementadas pelos militares assim que tomaram o poder: indicar Flávio Bolsonaro como seu líder, alegando ser ele um policial federal, portanto das forças, como ele, e a imposição de um toque de recolher. Ninguém poderia estar nas ruas depois das 22h sem uma justificativa válida – o que fazia com que a população se recolhesse em massa, uma vez que não se sabia, e o governo não tentava explicar, o que seria tal justificativa.

A verdade é que a medida foi tomada para que Bolsonaro pudesse morrer em paz, sem ninguém nas ruas comemorando, já que o golpe militar estava dado e os cinquenta e sete milhões de votos dados a ele incinerados.

Quando ele finalmente morreu, os cidadãos só ficaram sabendo depois que o corpo já havia sido enterrado e a primeira dama, Michelle Bolsonaro, havia gravado um vídeo e viajado para a França, onde passaria o período de luto.

Uma semana depois o corpo de Lula, ex-presidente do Brasil, foi encontrado em sua cela em Curitiba sem vida. Oficialmente, Lula havia tido uma parada cardíaca enquanto defecava. Seu corpo foi cremado – segundo Flávio Bolsonaro, queria-se evitar com que fizessem de sua lápide um monumento sagrado – e maiores explicações nunca foram dadas.

Como não se podia perder tempo, o clã Bolsonaro foi transformando o Brasil naquilo que mais dizia temer vindo da oposição. Criavam regras absurdas, propagavam mentiras como se fossem fatos, exterminavam opositores e passaram a, assim, perpetuarem-se no poder ao longo dos anos. A população, acuada, vivia sob rédea curta e o estalo do chicote. Os anos iam se passando e o Brasil ia deixando de ter as cores e a pluralidade que tanto o representaram em anos recentes. O carnaval havia sido proibido, aglomerações em praias, e o próprio direito do cidadão ter sua arma, antes defendido pelo cabeça do clã, estava agora tão morto quanto o próprio. Falar no assunto poderia render bons dias de cadeia.

Em 2039 era Carlos Bolsonaro, o mais novo da tríade que se revezava no poder há vinte anos, quem cumpria sua vez no comando. Aos quase 60 anos, Carlos era tido como um fraco. Não fossem os irmãos mais velhos a lhe dar coordenadas, era possível que o movimento de insurgência popular que de vez em quando almejava colocar a cabeça de fora, já tivesse conseguido acabar com os novos anos de chumbo, como chamavam clandestinamente aquelas duas décadas de família Bolsonaro no poder.

Foi então que o primeiro movimento em direção à derrocada aconteceu: o irmão que nunca participara do governo, que sempre fora mantido na sombra pelos outros três e filho do segundo casamento de Jair Bolsonaro, surgia agora para exigir a sua vez no revezamento do comando. Os irmãos se reuniram com urgência. Sabiam que o pirralho, como ainda hoje era chamado aos 41 anos, era desequilibrado. Tinha um histórico de agressão a esposas e ex-namoradas que se tornara público, e embora aquilo não significasse muita coisa dentro da conjuntura atual do país, estavam sob o tempo de Carlos, o fraco, e tinham medo que os movimentos ganhassem força. O emprego nunca atingira índices tão baixos desde o início dos Novos Tempos, como a tríade de irmãos se referia ao que faziam ao país desde a morte de Bolsonaro pai. É nessas horas que um

levante popular ganha força, disse Eduardo. Se vierem, a gente fuzila todos, disse Carlos. E o que os organismos internacionais vão dizer? Se resolverem declarar guerra contra o Brasil, como já ameaçaram tantas vezes nesses anos todos? O povo precisa ter medo, mas eles não podem saber que não temos intenção de confrontá-los às turbas, sob risco de perdermos o que temos hoje. Querem acabar como a Síria? Os demais fizeram silêncio. Eduardo Bolsonaro apertou um botão e disse, Mande o pirralho entrar, queremos conversar com ele.

Ficou então acertado: fariam uma reunião com os cinco irmãos: os três que sempre estiveram ao lado do pai, do primeiro casamento, Renan, do segundo, e Laura Bolsonaro, do terceiro. Pelo acordo, se Laura abdicasse da sua vez no revezamento do comando do país, ele também abriria, assumindo que sempre foram irmãos figurativos, a população mal sabia quem eles eram. A reunião seria na casa de Renan, já no dia seguinte.

Esse foi o segundo movimento em direção ao fim.

Quando Laura chegou Renan já estava à espera. Havia combinado que ela chegasse meia hora mais cedo. Aos quase trinta anos e com um rosto tão desconhecido quanto o de qualquer outra mulher, Laura Bolsonaro vinha da produtora de vídeos institucionais que produzia os vídeos oficiais, da qual era dona. Havia tido um dia cansativo, desses em que nada parece fechar: nem os roteiros, nem os cenários nem os profissionais. Era dessas mulheres que fingem não carregar um sobrenome forte – e esses anos todos só fizera uso da força do sobrenome uma única vez, quando um ex-funcionário, que julgava ter sido injustamente demitido, deixou sob a porta um bilhete lembrando a ela que seu pai havia se referido a ela como “uma fraquejada”. Fez questão de descobrir o remetente, pedir para o irmão capturá-lo e de, ela mesma, passar a noite diante do homem amarrado, num dos porões utilizados para tortura, quebrando todas as suas juntas com um martelo. Naquele único momento quando, pensando hoje, nem imaginara que tinha sido capaz, olhava para si e via como uma mulher delicada, até mesmo doce. Eu quero que você vá agora mesmo ao banheiro, disse Renan, depois de cumprimentá-la com um beijo no rosto e mostrar a arma que tinha na mão. O que está acontecendo?, ela quis saber. Você não precisa entender, apenas me obedeça.

Os irmãos chegaram juntos, como combinado, e encontraram a porta da frente aberta. Nas casas ao lado, luzes se acendiam com a movimentação.

Segurando a irmã pelos cabelos e fazendo-a de escudo, Renan Bolsonaro disse, sem hesitar uma única palavra: Reunam-se os três nesse exato momento e façam uma transmissão ao vivo anunciando eleições diretas em trinta dias, ou eu mato a Laura e pelo menos um de vocês antes de me matar. Que porra é essa que você está fazendo, Renan? Você está pensando que eu vou mesmo abrir mão do que tenho direito? Só com a morte. Laura não quer, eu sei. Problema dela. Eu quero. Calma, Renan, a gente pode resolver isso agora, na paz, na boa. Se nem nosso pai confiava em vocês eu vou confiar? Pode esquecer. Celulares ligados numa transmissão coletiva assegurando eleições pacíficas em trinta dias e fim desse movimento militar. Mandem todos os militares se aquartelarem, seus serviços voltarão a ser prestados ao Brasil dentro de uma democracia. É isso que eu quero que vocês digam. Aliás você, Flávio, os outros corroboram. Sentem os três ali no sofá.

Resignados, com medo de perder a irmã mas sobretudo com medo de serem mortos, fizeram exatamente o que o irmão mais novo lhes dissera. A transmissão rapidamente chegou a outras cidades e países, os telefones dos irmãos começavam a tocar: militares, jornalistas, governantes, todos queriam saber se aquilo era mesmo verdade. Não atendam, apenas coloquem a gravação em *looping*. Quero isso repetido milhões de vezes.

Quando terminou de dizer essas palavras, Renan sobressaltou-se com movimentos de passos na porta e, com um tiro à queima-roupa, matou a irmã Laura. Assustado, atirou nos irmãos. Carlos conseguiu sacar a arma da cintura de Flávio, morto ao seu lado no sofá, e atirou em Renan, que foi ao chão, agonizante, e de onde revidou com as últimas balas que tinha, matando o último irmão vivo. Renan sentiu seu corpo parando. Até que finalmente parou por completo.

Somente mais de meia hora depois o mesmo senhor que ia entrando renovou sua coragem para seguir adiante na casa de Renan Bolsonaro. Nos segundos que antecederam o tiroteio inadvertidamente ocasionados por sua presença, ele só queria saber se era dali que vinha a transmissão de que novos dias estavam por vir. Pelo visto eram, sim.

Aos poucos, os demais moradores da pacata rua foram se aproximando. Todos, exceto Renan Bolsonaro, que sabiam que ocupava aquela casa somente agora, haviam passado dos 70 anos e mantinham um grupo de reuniões aos sábados no qual buscavam

apoiarem-se mutuamente e fortalecerem-se diante do terror e do medo. Pelo que vieram a saber depois, Renan só circulava pela área após as 22h, para que não soubessem quem ele era nem onde habitava.

E agora, junto com o pai, estava morto. Estavam todos mortos.

Era chegado, novamente, o tempo da esperança.

Com o fim do regime ditatorial, novos partidos se formaram e as eleições em todas as esferas foram cumpridas não em trinta dias, mas em noventa, segundo determinação da Justiça, outra vez funcionando num país rumo à democracia. Campanhas foram feitas, mentiras ditas de um lado e do outro, até que houve o pleito e um dos lados se elegeu.

Logo mais começaria tudo outra vez.

Marco Severo é professor formado em Letras pela Universidade Federal do Ceará. Tem contos publicados no Brasil e no exterior. Colabora mensalmente com diversos sites voltados para literatura. Publicou os livros *Os escritores que eu matei* (2015) *Todo naufrágio é também um lugar de chegada* (2016), *Cada forma de ausência é o retrato de uma solidão* (2017) e *Coisas que acontecem se você estiver vivo* (2018).

POEMAS

JOHNIERE ALVES RIBEIRO

delá/mentiras / mortíferas/ ... [

lá
curvam a língua
 feito arco e
 lançam dardos
 de mentiras contra MIM
 assim se acham fortes na terra
 por fincarem seus pés
 no engodo de seu lama
 não entendem que em sua própria sabedoria mora
no engano e descansa na flor da loucura
ali alimentam armas com almas com a consciência de inocentes
lá
morada de chacais que lambem o sangue do dissemedisse
sem preocupação com a luz da verdade
lá
entre seus vitrais coloridos
lá
entre cerâmicas e credos vigiados serão todos acrisolados
e o absinto afiará seus lábios
mas de sorte o Sol há de brilhar novamente
e do mal queimar a semente

fruto frondoso das espadas

foge corre voa se aligeira meu espírito
arredio como pássaro
procura na Alta Montanha o refrigério
longe desse chão
pois há aqueles que com flechas
empenhadas nas cordas enchem
a terra de terror de morte
amam e acham doce a violência
que embebeda de sangue toda a areia do amor
as suas almas ardem em febril enxofre
na força da arma
às ocultas
nas alcovas espoliam inocentes
consomem a pacificação
que neles haviam
e a revelia cavam-lhes covas profundas

mas numa ÚnicaHora num Tempo do Monte
um “Vento Abrasador será parte do seu cálice”
ali beberão - adocicados pela barbárie –
o fruto frondoso de suas próprias espadas

dísticos a Marielle

um girassol
no corpo do cabelo

na boca ela tinha
a voz dos desvalidos

a pela negra
expunha bandeiras agitadas

seu olhar salpicava
um ardor de quem luta

as pernas fincadas ao chão como
em um palco tornava febril o coração

o sorriso feito lua furava
os zircos da tristeza embutido na favela

toda a sonoridade acabou
mas salpicastes de estrelas o terreiro

e na espuma do banco de um carro
toda negritude se recolhe num espanto

prateou-se ali teu vulto num instante
ante um grito tão franco

no mural da desigualdade
a dor explode como ferramenta da liberdade

Distopia

a
lâmina ilumina a mão
o ferro a esfria
balas fogueiam o cano do revólver
e
nem tudo cabe no jornal
nuvens de fumaças engarrafadas
em falas de horror
no mundo tóxico das notícias
que bebem antenas
e
desfazem certezas nos jardins
suas sentenças toldam cortinas matinais
adormecendo girassóis indomesticáveis
que sempre apontam para um céu selvagem

Johniere Alves Ribeiro nasceu em Campina Grande, Paraíba, em 1981. Raposeiro da Zona-Leste. Formado em Licenciatura em Letras pela UFCG. Mestre em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. Doutorando em Literatura e Interculturalidade pela UEPB. Professor de Literatura e Produção Textual. Lecionou em especializações e graduações em IES em Campina Grande, na Paraíba e em Pernambuco. Ganhador do 1º Concurso de Poesia e Conto do SESC/Centro - primeiro lugar na categoria poesia-evento realizado em Campina Grande – PB, no ano de 2000. Terceiro lugar no Concurso de poesia promovido pela POEBRAS – Secção Campina Grande, no ano de 2003. Publicou em 2016 os livros de poesia “Página para versos”, Editora Ideia, João Pessoa; e “Fogueira de espelhos ou A alquimia do cais”, Editora Penalux, Guaratinguetá. Antes de publicar em livros, teve seus poemas em antologias, como também em revistas e suplementos literários: PB Letras (extinta); Revista Sebastiana (UEPB- PB); Revista Escrita (PUC – RJ); Revista Travessias (UNIOSTE –PR); Germina Letras (Revista eletrônica); Blecaute (Revista eletrônica); Mallamargens (Revista eletrônica); Correio das Artes/Jornal União (João Pessoa– PB); e participou da antologia “Inventário lírico da Rainha da Borborema: 150 anos de poesia”, livro impresso pela editora A União, João Pessoa.

TEXTOS

EZTER LIU

MANUFATURA DO MEDO

Medo suficiente para empalar. Para esfaquear. Medo suficiente para esfolar. Para esquartejar. Medo suficiente para rasgar com os dentes e destrinchar com as unhas. Ou medo suficiente para espreitar de longe e mirar na cabeça (como quem tem o motivo o poder e o gatilho). Medo suficiente para premeditação. Para execução minuciosa. Medo suficiente para exercício arbitrário das próprias razões (sem remorso: medo suficiente para abafar remorso). Há medo bastante. Há medo de sobra. Medo suficiente para estufar o estômago ou para matar de fome. Os mais precavidos verificam nos armários se há medo suficiente para o fim de semana e conferem nas embalagens seu prazo de validade. Uns sentem que seus corações são como baldes esborrando de medo (quando o medo é líquido). Outros se sentem atravessados pelo medo. Todos temos respirado o medo. Suas partículas invisíveis se ligam aos nossos glóbulos brancos e inventam novas doenças. O medo sólido é mais fácil manusear: pode-se forjar peças grandes de artilharia ou utensílios bélicos para colecionadores. E com as arestas do medo os resquícios metálicos de sua manufatura é possível fabricar pequenas esferas lisas e maciças para estilingue ou forjar uma massa grande e muito áspera que pode ser usada para afiar armas brancas. É preciso bom gume em tempos de necessidade. O tecido do medo é usado em paraquedas mochilas táticas coldres e revestimento de coletes à prova de bala. Seus retalhos são reaproveitados por questões óbvias de sustentabilidade: cooperativas de artesãos em comunidades carentes recortam as sobras do tecido do medo em forma de pequenas bandeiras que são enfileiradas em cordões bem tensos esticados de um lado a outro da rua. De longe e com a luz do sol se pondo é o jeito mais bonito de ver o medo: Tremulando no vento. Tremulando.

FORTALEZA

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
porque em tempos de fogueira há que se defender das tochas
e estar atenta à chuva de flechas do pelotão das culpas inventadas

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
porque a propaganda invade o forte pelos flancos
E o canteiro de obras tem nos olhos uma fome

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
pra que os tentáculos das paixões doentes se enganchem nos grampos
e o amor encontre um jeito de atravessar o fosso

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
construir trincheiras enquanto gera e alimenta
porque a prole é jovem e os predadores são ávidos

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
pra defender seu império e descobrir seus aliados
porque o inimigo sorrindo delicadamente destroça

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
pra se precaver de nódulos, cistos e endométrios endurecidos
pra inventar pátios internos e jardins floridos

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
enquanto pensa, enquanto cresce, enquanto ensina, enquanto fala, enquanto ama

Uma mulher tem que ser sua própria muralha
e ser também a sentinela
com os pés firmes no topo do mirante
E os olhos no horizonte.

Ezter Liu nasceu no Recife, mas mora em Carpina desde criança. Graduada em Letras, escritora de prosa e poesia, desde 2005 tem seus textos publicados em várias coletâneas na região e no Estado. Autora dos livros *Vermelho Alcalino* e *Das Tripas Coração*.

congresso internacional da eternidade

JENIFFER TRAJANO

ternamete, cantaremos o amor
e sobre nossos túmulos
nascerão flores vermelhas
com pétalas acesas de
revolucionário rubor

fraternamente, cantaremos
os excluídos que se recusam
a exilar-si para que enquanto
todo pranto vire canto
e erga a bandeira da luta

eternamente, cantaremos os silêncios
com a língua da resistência
e faremos existência porque
ainda que nos silenciem
nossos versos nunca serão calados

Jennifer Trajano *é paraibana, educadora e escreve porque precisa criar (e ser) os personagens que a vida não nos possibilita.*

POEMAS

DÉBORA GIL PANTALEÃO

seis de outubro de dois mil e dezoito

algumas brasileiras

vão até os seus quartos

pegam seus cadernos

de pauta e uma caneta preta

nem todas tem quarto

nem todas tem caneta

nem todas sabem empilhar palavras

uma mulher branca escreve um poema

uma mulher negra escreve um poema

uma mulher indígena escreve um poema

uma mulher bissexual escreve um poema

uma mulher lésbica escreve um poema

uma mulher trans escreve um poema

em todos

o mesmo nome

a liberdade

eu vou abandonar o exagero
desistir da américa latina
incendiar os estados unidos
carregar o vento entre os dentes
gritar até que ouçam
na europa e em suas ilhas
eliminar os desejos
esfaquear a poheresia
eu vou destruir os cargos
os carros a transfobia
transformar vômitos
em alimento para famintos
legalizar as drogas
amparar a cracolândia
resolver o machismo
resetar as mentes
das mulheres violentadas
eu vou reciclar todo o lixo
salvar os animais dos açougues
plantar três bilhões de árvores
vão achar que estou louca

débora gil pantaleão (João Pessoa/PB - 1989) é vegana, feminista e editora na escadas. graduada, mestre e doutoranda em letras, é também especialista em psicanálise. publicou livros de prosa, *causa morte* (2017) e *nem uma vez uma voz humana* (2017), e de poesia, *se eu tivesse alma* (2015), *vão remédio para tanta mágoa* (2017), *sozinha no cais deserto* (2018) e *objeto ar* (2018).

INVENTÁRIO DE UMA NAÇÃO

MIRTES WALESKA SULPINO

Em tempos de ódio
Faca cega,
Sangue insosso,
Língua afiada
Propagam mentiras

Alastra-se
Uma praga
Que espalha
“*Fake News*”

A nova
velha ditadura,
Censura e
Silencia
A verdade

O que é fato
Perde-se na indecisão
Desses dias sombrios

E o falo do Capitão
Silencia, incrédula,
Uma nação

O que é grito
Ecoa na noite
De uma boca
Que sonha
Entre o riso
E a lágrima:
- #elenão!
- #elenão!
- #elenão!

Mirtes Waleska Sulpino, paraibana, historiadora, poeta e idealizadora da FLIBO (*Festa Literária de Boqueirão, no Cariri Paraibano*). Recentemente participou da *Antologia Ventre Urbano* (Penalux, 2016) e publicou o livro *Metáforas do Amanhã* (Penalux, 2017).

PANFLETO PARA PIRILAMPOS E MAGNÓLIAS

RITA SANTANA

Há um aneurisma no cérebro do País

Esperando o tempo da explosão.

Pirilampos apagados

Buscam faróis na noite da Baía,

No mistério do dique, das docas.

Celebro manifestos insurrectos

Onde a Poesia cataclisma,

Hekatomba.

Estampo relâmpagos nos muros.

Uma hemorragia inunda

De sangue o oxigênio das horas.

O sangue pletora utopias, risos e chamas.

Apesar da grande noite que se abate sobre o País,

O combate permanece no silêncio das tumbas,

Na obscuridade dos pesadelos,

Nas vontades recolhidas por Blimunda.

O horror retumba sobre as casas.

Enquanto engenho palavras

E lavro novos âmagos.

Na Colômbia,

Há Ceibas na estrada para Córdoba,

E suas raízes guardam segredos

De viajantes, de plantadoras de café,

De homens que bebem a noite

E sorvem nossas magnólias

(Magnólias brancas de Billie).

Mulheres que mascam tristezas, fumos.

Ceibas mulheres que sustentam o céu,

E acolhem ancestralidades ameríndias.

Assim, desmoronam colinas inteiras dentro de mim.

Há acordes de desolação,

Sinfonia de silêncios,

Lassidão dos sonhos, das crenças.

Atavismos seculares nas paredes,

Nos retratos, nas páginas diárias da História.

Nosso leito está vazio.

Nosso eito, sem arado.

Somos um rio seco, sem curso.

Somos um poço escuro e profundo,

Onde não vivem sequer bagres albinos.

Discurso para desertos, para ossos e rochedos,

Para homens surdos e mulheres apáticas.

Somos um Paraguaçu de fósseis, de lembranças marinhas.

Além da devastação em nossas margens,

Aragem alguma suaviza as dores do presente.

Não vislumbro novas galáxias.

Apenas patíbulos de condenados suicidas.

Apenas juízes e delatores,

Apenas sigilos oportunos.

Há um vazamento de tristezas em nossos olhos,

Cataratas mudas aguardam a vertigem do Espírito do Tempo.

E desencantos mofam nossas paredes.

Como mulher: dilato-me!

Por todas as casas do País, há plantação de palmas.

E almas perecem de sede e desencanto.

Mucugê é um jardim de pedras

Cujas pétalas são nossos corações embrutecidos.

O cafezal ameaça as flores do lugar.

O manguezal avança sobre sutilezas de cores.

Há um aneurisma em mim

Que também explodirá!

Há um aneurisma nos justos

E naqueles que buscam alegrias coletivas.

Canso-me dos homens

E dos tentáculos da sua arrogância

Que invadem meus abismos,

Minhas sutilezas, minhas cerâmicas, meus musgos.

Canso-me dos homens

E da sua estupidez de pedra

Da sua obscuridade de gruta,

Seu estado de inércia,

Sua velhice precoce,

Sua adolescência perpétua.

Sua covardia de demônios.

Sua desistência, seu desamor.

Sou uma mulher da América Latina!

Sou uma voz diaspórica, negra!

Venho de uma África que me busca.

E o que faço é atravessar oceanos,

Decifrá-la em mim, em meu território.

Minha pena é o meu remo.

Minha pena é a minha bússola.

Minha pena é também minha nau.

Canso-me dos abutres, das raposas,

Dos leopardos e da prepotência dos intelectuais.

Ninguém me faz feliz!

Ninguém tem a chave!

Quem nutre a memória de mim?

Quem projeta meus delírios em suas cavernas?

Há um ranço de família na poeira das mobílias.

Ranço de nomes na cartografia das lápides.

Ranço do poder na energia das vozes,

Na seleção dos vocábulos.

Há o vício dos brancos, o vício do poder dos homens.

Sou feminista quando me desconstruo,

Travo embates com a existência

E enfrento temores.

Há um ranço de poder nas elites.

Há estalactites nos cérebros,

Estalagmites entre o sexo e a alma.

Há desvãos insondáveis dentro de mim.

Ninguém me acha, ninguém me vê,

E, hoje, ninguém me habita.

Há um labirinto dentro de mim,

Que apenas eu me percorro solitariamente aos domingos.

Apenas eu mínguo de vésperas e de escolhas.

Apenas eu recolho âncoras

E trago pavões em minhas saias.

Dragões e mandrágoras residem nas rendas

Das minhas negras anáguas.
Apenas eu sou casta,
Pois vivencio a solidão absoluta das divindades.

Trago em mim a ilusão de reter o tempo,
A extensão da vida, da morte.
Inútil reter o a convulsão dos diamantes!
E a combustão dos diademas.
Inútil reter sementes, óvulos e afetos!
Inútil, pois o belo expira.
O amor definha.
E a história é feita de fios que se desfazem
No ano do Galo.
Restam vestígios e sombras apenas.

Os girassóis de Van Gogh estão mortos!
Somente agora os vejo cadáveres.
Somente agora murcham e enlouquecem
Diante das minhas janelas barrocas.
Há desolação em meu peito
E o coração assombra-se com
Conspirações, golpes.

A Poeta cisma da sua escrivaninha
E gira na convulsão do mundo.
A Poeta transita entre as minas de ouro da Colômbia
Em amnésia, em guilhotinas, em fraudes.
Atordoada de si mesma e da sua condição.
O estúpido americano ataca a língua de Lorca!
O Chile, em incêndios.
Imigrantes sofrem açoites, pânicos.

Tudo o que canto faz-se poeira cósmica.

Tudo o que canto evade-se sem eco.

Tragam-me o ópio, o haxixe e o absinto!

Rita Santana é atriz, escritora e professora de Língua Portuguesa na Rede Estadual de Educação do Estado da Bahia. Em 2004, foi uma das premiadas no Braskem de Cultura e Arte para autores inéditos com o livro de contos *Tramela*. Logo depois, o seu livro *Tratado das Veias* (poesia) foi publicado pelo extinto selo *Letras da Bahia*, em 2006. A *Editus* publicaria o seu *Alforrias* (poesia) em 2012. Participa da antologia *Outro Livro da Estante* organizada por *Herculano Neto* e publicada pela *Mondrongo* em 2015, com o conto *Ondas, Trânsitos e Trilhos*, além de ter o seu poema *Adusto* publicado na revista *organismo*, projeto do Editor *Jorge Augusto*, organizada por *Ederval Fernandes* e *Alex Simões*. Em 2015, participa da *FLICA*, em *Cachoeira*. Ainda em 2016, participa na *Colômbia* do *XVI Festival Internacional de Poesia de Cali* e do *III Encuentro Internacional Mujeres Poetas En El Camino Del Café País De Las Nubes*. Em 2018, participa do projeto *Pontos Que Nos Unem: Diálogo dos Afetos*, na *Casa de Angola na Bahia*.

XÔ!

CINTHIA KRIEMLER

Tem um Jesus safado por aí. Safado e elitista. Fake como as *news*. Que só gosta de deitar conversa *hard* em ouvido de pastor. Nada de falar com o rebanho. Para o rebanho, só recados terceirizados. Ordens, melhor dizendo. Que causam orgasmos espirituais à turma do Queima, Senhor! Queima!

Tô querendo levar um papo contigo, *fake* Jesus. Papo reto.

Quem é você, moleque? Você que vive a serviço da mentira e da manipulação e da tirania e da credice. Você que engana gente miúda, acanhada, sem estudo. Que serve aos que oprimem; aos que despejam um monte de merdas nos ouvidos do meu irmão desempregado, da minha irmã humilde; aos que causam medo e terror; aos que inventam sacrifícios cruentos ao diabo e mamadeiras com bicos de pênis. Você que é usado como massa de manobra pelos que chamam meu amigo negro de macaco, pelos que dizem que o peso dele é em arrobas. Pelos que chamam mulher de fraquejada e dizem que as feias não servem nem para ser estupradas. Pelos que perseguem meu amigo gay, minha amiga lésbica. Pelos que invadem e destroem terreiros. Pelos que se alimentam de bestialidade.

Impostor! Quem é você? Diga o seu nome. Diga! Eu te ordeno! — não é assim que se exorcizam os demônios?

Jesus? Pode até ser. Mas duvido. Conheço cinco Marcelos, oito Carlos, 57 Marias, 18 Paulos. E nenhum deles se faz passar por quem não é. Você é um *fake*. Um Jesus de conluios com homens da igreja — não todos, só com os canalhas. Um Jesus dos que se recusam a abandonar o controle das rédeas e do chicote. Um Jesus dos pastores corruptos. Que para dominar o rebanho manso mentem que conversam com você. Diariamente. E pior que isso: dizem que você responde só para eles.

Tenho curiosidade. Conte aí como acontecem esses encontros. Vocês se abraçam? Batem nas costas um do outro? Tomam café? — pastores não consomem álcool nem nada que os afaste dos bons costumes, certo? Como é? Por iluminação, revelação? Eu quero saber. Epifanias me interessam. Quero ouvir sobre esses momentos lindos. Você dizendo aos pastores (ainda não sei se em coletivo ou por cabeça):

Fale em meu nome aos fiéis. Diga que a direita é o caminho e a esquerda é o pecado. Que vermelho é a cor de Belzebu. Que o fascismo é o caminho, a verdade e a vida. Que bater em mulher está correto (nas sujas, sem higiene, que defecam nas ruas; nas que fazem aborto; nas vadias que não são recatadas nem do lar; nas desobedientes que se recusam a aceitar as ordens dos seus homens). Diga que matar homossexuais é uma benção. Que pobre só pode fazer curso técnico. Que mulher estuprada não existe — umas vadias de minissaia procurando por um caralho (ok, pode falar pinto ou pênis para não assustar as beatas). Diga que eu mandei eles votarem no Hitler revisitado. Racista, homofóbico, misógino, xenófobo, belicista. E mande que ataquem com calúnias e porradas os parentes e amigos que não quiserem obedecer. Também podem matar em meu nome (quero ver alguém provar que fui eu que escrevi o 5º Mandamento). Vale tudo para banir as minorias.

Você é bom de marketing, *fake* Jesus. De marketing do terror. Não obedeceu, tá no inferno. Discordou, tá repreendido. Arregimentando cada vez mais seguidores, hein? Tem os caras de batina que se alinham aos pastores — muitos, até, os precederam —, e que atuam com o apoio de outros caras, os da tradição, família e propriedade (deles). E tem os de uniforme, que recitam o mantra Ordem e Progresso. E tem os de toga, que fazem parte da facção Com o Supremo, com tudo.

E você, *fake* Jesus, se refestelando no meio dessa esbórnia. Dizem. Eles dizem.

Eu queria que você baixasse em mim. Numa cabocla que nem eu, cheia de vontade de trocar umas ideias sobre humanidade, fraternidade e filhadaputice. Essas coisas superestimadas. Chatices. Clichês. Mas em mim você não baixa. Os *fakes* sempre sabem o mato que podem ou não lenhar.

Eu queria desmascarar você. Descarnar você desse nome roubado. Queria sabatinar você. Até expor você do avesso. Até estripar você em público. Até ver brotar das suas entranhas o verme da mentira. Queria convidar *brothers* e *sisters* (salve, ave, axé) — dos ingênuos aos espertos; dos enganados aos que resistem — para assistirmos juntos à morte desse *fake* que você é, vassalo da servidão e da morte que se oferece como muleta aos senhores da dominação.

Fuck you fake Jesus! Ou dizendo em bom brasileiro: Xô, impostor!

Cynthia Kriemler é contista, romancista e poeta. Carioca, mora em Brasília. Autora de *Todos os abismos convidam para um mergulho* (Romance. Editora Patuá, 2017), finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2018. Publicou ainda pela Patuá: *Na escuridão não existe cor-de-rosa* (Contos. 2015 – semifinalista do Prêmio Oceanos 2016); *Sob os escombros* (Contos. 2014); *Do todo que me cerca* (Crônicas. 2012).

Organizou a antologia de contos *Novena para pecar em paz* (Editora Penalux, 2017) e participa de diversas antologias de contos e de poesia. Tem textos e poemas publicados em diversas publicações eletrônicas.

O RABO RUBRO DO DIABO

ISABOR QUINTIERE

O pobre Vargas havia feito algo horrendo, e ele tinha consciência disso. Esse pensamento o levou a vagar de modo errático pelas ruas mal-iluminadas do bairro, murmurando coisas para si próprio e tremendo dentro de suas roupas encharcadas pelo suor. Como poderia voltar a ser alguém? Depois de mais de quatro décadas andando no caminho correto, no caminho dos bons, sem titubear, agora havia tropeçado – talvez irremediavelmente. Sua mente era atingida, de tempos em tempos, por pensamentos horríveis sobre o Diabo recepcionando-o nos portões do Inferno, parecendo alegremente surpreso de vê-lo ali – “até tu, Vargas”, diria o Diabo, cutucando o infeliz homem com seu tridente: “e eu achava que você era um homem certo, de Deus!”.

Pensar nisso fazia Vargas querer chorar. Todos os domingos sem faltar a missa, todas as canas oferecidas pelos conhecidos e que ele rejeitou, todos os pecados evitados a muito custo, e agora tudo iria por água abaixo? Procurando amparo ou, talvez ainda, uma solução, alcançou a passos fracos a igreja barroca no final da rua.

A iluminação era parca lá dentro, vinda de algumas velas. Dessa forma, não era possível enxergar claramente os afrescos riquíssimos, ilustrando anjos, nuvens e santos nas paredes e na abóbada – e ainda que pudesse vê-los, Vargas não teria tempo algum para admirá-los agora. Passou ofegante pelos bancos, chamando com a voz chorosa de desespero: Dom Mauro! Dom Mauro! E Dom Mauro, como uma figura mitológica, se materializou vindo de um canto escurecido para atender aos chamados do pobre diabo.

O padre da cidadezinha era um senhor português alto e esguio, de braços e dedos longos, muitíssimo branco, muitíssimo claro, muitíssimo bem-quistado, sempre coberto por sua longa batina, um tecido escuro em contraste com a pele cegante. Mal tinha lábios, mas equilibrava no pouco que tinha um sorriso discreto. Era para todos um santo: realizava as missas, estava sempre na igreja, atendia a todos, batizava a todos, enterrava a todos, fazia tudo. Vargas tinha por ele o mais inabalável respeito e a mais cega confiança, e foi por isso que atirou-se em seus braços.

- Padre, padre! – clamava o infeliz. – Sou um pecador! Tira o pecado de mim, padre, pelo amor de Deus!

Dom Mauro sustentou Vargas em seus braços e o pôs de pé novamente:

- De que se trata isso? O que houve, meu filho? O que atormenta teu espírito?

Aos prantos, precisando se sentar no banco para não cair, Vargas soluçou a verdade e confessou a coisa horrível que havia feito. Dom Mauro sentou ao seu lado e ouviu em silêncio durante todos os minutos em que o homem desesperado se lamentava. Vargas aos poucos se acalmou, parando de chorar e se resumindo apenas à tremedeira. A

presença sacra de Dom Mauro o tranquilizava, aquela face branca transbordava compaixão e piedade. Quando seu relato estava concluído, o padre repousou a mão em seu ombro e disse, em tom apostólico:

- Não te aflijas, amado filho do Senhor. Ele não condenaria um servo tão fiel quanto tu às chamas eternas por um deslize, sabendo de tua dedicação e de teu amor por Ele. Teu pecado pode ser lavado e ir embora com a água; o amor do Senhor por ti, jamais.

O coração apreensivo de Vargas desapertou minimamente.

- E que é que eu faço, padre? Como é que eu lavo essa desgraça de mim? Me benze, padre, me benze! Não quero morrer pecador!

- Não é apenas da água benta que falo, filho – disse Dom Mauro. Vargas, que nunca antes teve a necessidade de se confessar, ficou desconfiado; sua confissão agora, perante o padre, já teria sido suficiente?

- Já estou limpo...?

O homem santo mirou o homem pecador com seus olhos europeus, ancestrais. A troca de olhares durou um instante longo o suficiente para se refazer todo o gênesis, e de fato algo parecia estar sendo refeito ali, gravemente. Por fim, Dom Mauro falou com doçura:

- Descumpristes uma ordem do Senhor... Para retornar ao caminho, é preciso que cumpras outra. Trata-se de equilíbrio perante Deus.

- Eu cumpro! – ganiu o pobre Vargas. – Só me diga o que é e eu faço agora!

- Deus escreve mensagens incompreensíveis para as ovelhas. Na posição de pastor, cabe a mim as transmitir em uma língua que compreendam. Deus me pede, agora, que saias desta igreja e até a meia-noite mates um cão.

A fala súbita, mórbida e contrastante do padre assustou Vargas como se visse ele mesmo o rabo do Diabo, mas o medo logo se dissipou quando o instinto deu lugar à consciência de sua confiança na santidade de Dom Mauro. Ainda assim, pensou ter compreendido errado.

- Matar um cão? O que isso significa?

Com doçura, o padre explicou:

- Pegue tua arma, dispare contra um cão e traga o corpo até esta casa de Deus.

- Mas por quê? Padre, se eu matar, estarei cometendo outro pecado!

O padre o tranquilizou, disse-lhe amáveis palavras sobre versículos da Bíblia que Vargas sequer se lembrava, ou que se lembrava, mas não compreendera; disse que Deus não daria ordens pecaminosas para um servo através da voz de um padre, o pastor de suas

ovelhas. Dom Mauro repetiu algumas vezes enquanto levava o homem até a porta: “crei em mim e limpo estarás dos dois pecados.” Depois se despediu e disse que aguardava.

Vargas havia sido ensinado bem por sua avó, uma mulher firme em suas crenças ortodoxas: não se desobedece ao padre, pois desobedecer ao padre é desobedecer ao Senhor. Assegurou-se de que confiava, sim, em Dom Mauro, sempre havia confiado. Portanto, apesar de hesitante, naquela mesma noite ele vasculhou suas gavetas atrás do revólver nunca usado, o encheu de balas e saiu às ruas para cumprir sua missão.

Deitado na pracinha, o vira-lata Buchudinho foi desperto pelo som de Vargas se aproximando. Ergueu as orelhas ligeiramente sarnentas e então a cabeça, piscando ao modo sonolento e inofensivo dos animais. Identificou o homem cada vez mais próximo e aí deu-se início a festa da cauda, balançando para um lado e para o outro: não nutria pelos humanos qualquer medo ou sentimento negativo. A aproximação de um significava sempre um afeto, uma palavra doce ou uma comida. Quando se levantou para cumprimentar Vargas, este se curvou em sua direção e, como esperado, ofereceu um punhado de ração na palma de sua mão muito trêmula. Buchudinho, feliz, aproximou o focinho para se alimentar e foi essa sua última ação na vida, antes de ganir alto e morrer rápido. Com um disparo à queima-roupa na testa, deixou de existir Buchudinho no mundo.

Antes da meia-noite, Vargas, a cara brilhando de choro extenso, chegou carregando o corpo inerte de Buchudinho na igreja. Dom Mauro o aguardava, como se soubesse que ele estava a caminho, e sorriu com tristeza e piedade ao ver o animal morto.

- É uma pena que isto tenha sido necessário – disse o padre. – Mas não havia outra alternativa para ti, filho de Deus.

Vargas apenas soluçou, com o cadáver nos braços, vivendo um pesadelo. Fechou os olhos, abaixou a cabeça e esperou a misericórdia divina através do padre, a limpeza definitiva de seus pecados.

Não veio. Abriu os olhos e os ergueu para o padre, ansioso. Dom Mauro sequer piscava. Parecia uma estátua.

- Estou salvo, padre?

- Há mais a ser feito.

- Como, mais? E a anulação do meu pecado? E esse cachorro morto?

- Deus lança a seus servos apenas os desafios que Ele crê que seus servos poderão realizar. Tratava-se de um teste, filho. Como matastes este cão? Não serias capaz de, como matastes o cão, matar também os mendigos beberrões que maltratam a cidade do Senhor, que O enojam e desonram, enfeando Seu mundo? Pegue tua arma, dispare contra os velhos bêbados da praça, arrasta-os para cá. Faz de ti um guerreiro de Deus. Fostes tu

o escolhido d'Ele para limpar esse país do Satanás. Não temas ser descoberto e punido: Ele olhará por tua segurança nessa cruzada.

É difícil entender o que transcorria na cabeça pequena de Vargas. Não acostumado a pensar, teve que permitir que o porta-voz dos anjos, o padre, pensasse por ele, interpretasse os desejos do Altíssimo. Ainda nervoso, mas sem questionar, voltou às ruas, mas não sem antes lançar um olhar por sobre o ombro e constatar Dom Mauro sorrindo, ainda parado às portas da igreja, alto, branco, santo, terrível. Enfiado em sua batina. Abraçado à sua cruz. Com Buchudinho morto e fedendo no degrau abaixo de seus pés.

Nos dias seguintes, a cidade pacata se viu imersa em um pavor desmedido: desapareciam os mendigos e em seus lugares ficavam apenas as manchas do seu sangue. A polícia, cujo trabalho costumava ser apenas interferir em brigas conjugais, agora se via incapaz de compreender e conter os assassinatos tão súbitos. No primeiro dia, o som de suas sirenes alarmaram Vargas que, refugiado em sua casa, tremia da cabeça aos pés, aterrorizado pelo pecado que só se avolumava; no segundo, continuava refugiado em sua casa, mas já não tremia ao ouvir as sirenes. No terceiro, observava da janela as viaturas passando. No quarto, estava sentado na praça, sereno, acompanhando a alguns metros o trabalho minucioso dos policiais em coletar possíveis rastros.

Na semana seguinte, já não haviam mais mendigos: não era preciso limpar as ruas de sua presença, apenas de suas marcas de sangues, o que era um procedimento mais simples, e Vargas se sentiu feliz de constatar que havia facilitado o embelezamento da cidade como o Senhor queria. Prosseguiu então com novas ordens e passou a direcionar seus disparos, na calada da noite, para homens pecaminosos, homens que trapaceavam no baralho; direcionou-os também para as mulheres lascivas, as mulheres que xingavam, as mães sem marido; atingiu mais cães, mais gatos, pássaros voando e dentro de gaiolas; deixou buracos nos troncos das árvores da praça e nos muros das casas; pôs fim à linha nepotista do prefeito, a começar pelo próprio; fez tombar três crianças e encurtou a vida de nove idosos e doze policiais – todos corrompidos e corruptos, dos oito aos setenta anos. Um pequeno preço a se pagar por limpar-se de pecados tão grotescos.

Na última visita que fez a Dom Mauro, Vargas não encontrou ninguém no caminho. Não haviam pessoas nas ruas. Não haviam animais nos cantos. Estavam todos amontoados uns sobre os outros, decompondo-se em completa podridão no salão principal da igreja. Entre eles, de pé, estava o padre, que voltou-se para Vargas quando o ouviu entrar e o acolheu com um doce sorriso. Depois, abriu caminho por entre os corpos e foi cumprimentar o pobre cristão:

- Estás livre, Vargas. Tua missão nesta terra está mais do que cumprida. Venha, vou lavar-te.

Emocionado, Vargas acompanhou o homem santo até o altar, atravessando os cadáveres, pisando acidentalmente em uma mão morta. Chegando lá, ajoelhou-se, fechou os olhos, uniu as palmas como pedem os costumes, e soluçou ao sentir a água benta molhando sua cabeça, seus cabelos, seu rosto e seus ombros. Estava limpo, o que foi

confirmado pela voz cândida de Dom Mauro: não és mais um pecador. És um guerreiro do reino de Deus.

Na saída, às portas da igreja, Vargas agradeceu por tudo.

- E me perdoe novamente por pecar, padre.

O padre sorriu com amor.

- O pecado da mentira é de fato satânico, filho. Desejo que não se deixe tentar por ele novamente, que viva a vida no caminho da verdade divina. Mas não sou eu quem devo perdoar. Impossível, aliás, perdoar o que perdoado está, e pelo juiz máximo.

Trocaram respeitosas despedidas, o ex-pecador prometendo comparecer à missa do domingo, o santo feliz de ouvir isso. Por fim, Vargas saiu, seguindo rua acima em direção à sua casa.

Só após alguns metros foi que ele estancou, estarrecido: havia passado a mão no rosto e ela voltara de súbito manchada com o líquido vermelho. Levou a outra mão ao rosto e constatou, desesperado, que onde a água benta fora derramada havia agora sangue vívido, profundo. Em seu pavor primitivo, voltou-se para correr até o padre, gritando roucamente por ele, clamando por sua ajuda sagrada: padre, padre! O Satanás veio me buscar!, mas viu apenas a pesada porta da igreja se fechar – não sem antes escorregar para dentro dela o rabo rubro do Diabo.

Isabor Quintiere (1994) nasceu em João Pessoa (PB), onde reside. É professora de língua inglesa e graduada em Letras - Inglês pela Universidade Federal da Paraíba. Autora do livro de contos *A cor humana*, publicado em 2018 pela Editora Escaleras, encontra inspiração para sua prosa principalmente na literatura fantástica latino-americana e na ficção científica.

ENQUANTO VOCÊ DORMIA

MATHEUS BORGES

Enquanto você dormia, eu tive uma visão. Alguém arrombava a porta e levava nossas coisas. Computador e televisão, mesa e cadeiras, o sofá de três lugares. Foram todos carregados em silêncio por mãos sorrateiras e substituídos por objetos de semelhante densidade e volume. Era como se tentassem imprimir no ambiente a sensação de que haviam sempre estado ali e, mesmo que não obtivessem êxito, insistiam em não reconhecer a estranheza, aparentando ignorar o que eu sentia ao vê-los. Ainda que exatamente iguais aos bens que acumulamos ao longo dos últimos anos, os novos objetos não guardavam nossas marcas e impressões digitais. Destituídos de memória, esses objetos não encontravam lugar no interior de nosso lar e faziam com que o apartamento escondesse nossa intimidade nas esquinas mais inacessíveis dos azulejos da cozinha e em partículas de poeira que já se afastavam, flutuando para longe, rumo à madrugada, através da janela aberta.

Como única testemunha desse ato vil de sublimação dissimulada, eu também fui levado por aquelas mesmas mãos sorrateiras. Assim que me acomodaram na parte traseira de um furgão, amarrado aos objetos originais, retornaram ao apartamento e deixaram ao seu lado uma cópia. Você ainda dormia e não percebeu. Eles foram embora e, enquanto a cópia se revirava na cama tentando encontrar uma posição confortável, você abriu os olhos. Sentiu um calafrio ao me enxergar de olhos abertos no escuro, pensando ter me visto cansado e esvaziado de emoção. Não dando importância a esse pensamento, à mesma sensação onipresente num pesadelo que faz com que você acorde no meio da noite, virou de bruços e voltou a dormir.

Enquanto você dormia, a cópia teve uma visão. Viu a mim, sangrando amarrado aos nossos bens, enquanto o furgão desviava de caminhões no tráfego noturno. Vagalumes elétricos chispavam no acostamento e eu os enxergava através das gotas salgadas de suor que transbordavam e pareciam queimar os meus olhos. Eu tentava me equilibrar de mãos atadas e não era capaz de fazer nada para dar conta da ardência. Logo, meus pulsos também começavam a doer. Sufocado pela penumbra, sentia o barbante rasgar minha pele num comichão doloroso. O furgão avançava numa estrada sinuosa e

esburacada, levando-me para muito longe, para onde quer que fossem desovar os objetos deteriorados pelo cotidiano. Tive certeza que meu destino era o mesmo de nossas coisas tão familiares e de que tanto eu quanto nossas posses teríamos apagados quaisquer vestígios de existência pregressa. Assim que eu fosse esvaziado das minhas memórias e emoções, estaria pronto para ser reutilizado como cópia de mim mesmo ou de outro, alguém de quem eu nunca ouvira falar. Isso porque, esvaziado de memórias e emoções, eu deixaria de ter consciência de mim mesmo e, tão cedo o processo fosse concluído, passaria a ser qualquer coisa intercambiável.

Enquanto você dormia, eles voltaram e levaram suas joias. Levaram seus anéis e brincos de ouro, também encontraram certidões de posse e cartões de crédito. Levaram tudo o que faltava levar, inclusive seus documentos, e deixaram apenas você, estirada na cama rangendo os dentes com ferocidade e pavor, ainda dormindo. E enquanto dormia, você teve um sonho ruim. Seres abrutalhados sem rosto caminhavam no escuro e invadiam o quarto. Deixando pegadas viscosas no assoalho, esses monstros, que você nunca imaginou existir de verdade, debruçavam-se famintos na cama. Você gritava e tentava me acordar, chacoalhando meus ombros e puxando meus cabelos. Eu permanecia de olhos fechados, sem nem ao menos esboçar um sinal de vigília. Os monstros se aproximavam lentamente, tocando meu rosto com dedos compridos. Enquanto isso, você saltava da cama, procurando algo com que se defender, somente para encontrar o apartamento esvaziado de tudo. Foi nesse momento que você desejou acordar desse sonho terrível, mas não conseguiu. Repetidas tentativas fizeram você perceber que não havia mais tempo. Não dá mais, você pensou. Logo, você já nem tentava fugir ou se defender. Apenas fechava os olhos com força, esperando que o pesadelo terminasse em breve. Não havia mais sentido, foi o que você pensou. Ainda que acordasse, o sonho ruim agora estaria em todo lugar.

Enquanto você dormia, eu tive uma visão. De madrugada, eu atravessava o saguão enevoado e, ofegante como que padecendo de um ataque asmático, sofria para subir as escadas, calculando meus passos degrau a degrau. Abria a porta com desconfiança e me deitava ao seu lado na cama, tentando não fazer barulho. Mas você, só de sentir minha presença inquieta, se virou para mim de olhos abertos e, tocando minha testa suada e fria, perguntou por que eu estava tão pálido e tão exausto. Eu, no entanto, não consegui dizer uma palavra sequer, uma vez que também não entendia o que se passava comigo. Meu corpo era arrebatado por saudade imensa e inexplicável, a mesma que talvez acometa os

marinheiros e astronautas quando retornam de uma longa expedição. Tive a impressão de que vinte anos haviam se passado desde a última vez que estivéramos, eu e você, deitados em nossa cama. Sem considerar as implicações do que poderia acontecer a seguir, adormecemos juntos mais uma vez.

Matheus Borges (Porto Alegre, 1992) é escritor e roteirista de cinema, formado pelo curso de Realização Audiovisual da Unisinos. Foi aluno de Luiz Antonio de Assis Brasil em sua oficina de criação literária. Seus contos já foram publicados em revistas no Brasil (*Sexus, Subversa, Gueto*) e no exterior (*Waccamaw, Fiction International*). *A Colmeia*, seu primeiro longa como roteirista, tem estreia prevista para 2019.

CARCAÇA

JOÃO MATIAS

Senti que o avô segurava boa parte da sua onda com a cadeira na varanda, ouvindo o zumbido do vento e, ao mesmo tempo, com o medo de que aquela tal violência da cidade chegasse ao nosso campo. Fui um neto obediente, sei bem. A grande questão é que ao vencer milhas até a cidade, meu pai olhava pelo retrovisor sempre à espera de um carro nos perseguindo. E isso não me agradava.

Duas horas de carro, alguns cactos na estrada, chuva à espera de sempre. O asfalto soletra um dó-ré-mi diferente, porque aquilo que o diferenciava da terra batida era o fato de que éramos eu e o meu pai ali passando, sem saber bem o que fazer e para onde iríamos e, portanto, a estrada nos confessava que havia algo de diferente naqueles anos todos.

- Tu viu ali atrás, um boi atropelado?

- Parecia estar ali há muitos anos.

- Não, mais fácil um carro em toda velocidade por esses dias.

Pensei sobre estas palavras e não desenhei nenhuma outra razão deste medo que não os fantasmas criados pelo avô Genésio de que os comunistas viriam roubar as nossas cabras. Meu pai, silencioso, aperta o freio quando vê que alguma cobra passa pelo sertão. Cobra dá mal agouro. Isso já se tem. E não demora, as duas horas cabem no bolso do sujeito calado que segura o volante e logo chegamos no destino, em Cidade Grande.

- Quanto é esse metro de fumo?

- Doze reais

Ele paga. Fazemos uma breve feira. Percebo nada de muito exuberante nas frutas, verduras e poucas carnes. Assumo uma moeda para ficar brincando com os dedos. O sol, pungente, seca o suor dos estrangeiros recém-chegados na cidade do interior paraibano como uma coleção de soldados num formigueiro de gente. Todos chineses, vendem de fumo à algodão e carne seca. Pegam dos cidadãos sua inocência, seu sotaque, seu sorriso; as barbas dos cavaleiros nunca tão sérias como se de homens num deserto; como se de homens nos filmes do faroeste.

- Tá vendo aquele de chapéu de palha? - pergunta meu pai.

- Hum?

- Aquele, ali, certeza que é soldado.

- Oxe, por quê?

- Olhos puxados, jeito estranho, coisa de comunismo.

Os olhos quase puxados do meu pai não lembram que o sol faz uma espécie de turva em nossa consciência. Eu via nada. Tava quase quarenta dias que o governo do capitão foi eleito com essa proposta de vigiar os homens e mulheres atrás de coisa de revolução, atrás de fazer a lei. Coisa de mês o meu pai vinha falando estranho, algo que já vinha de antes e pegou mesmo agora: esse olhar desconfiado, esse jeito de falar sempre de lado.

- Quer um fumo barato? Faz o preço, faz o preço! - perguntou um chinês, interrompendo nossos passos.

Meu pai olha atravessado. Um passo, uma pecheira, uma arma, como muitas que se vê pelos lados, nas cintas dos homens sisudos, quase aparece no relume da tarde. E fomos para casa de Coutinho, onde quase todas as tardes o sujeito alto e magro, pelo papo de adulto se sentindo íntimo dos companheiros, me fazia crer que era mais velho do que de fato eu era. Talvez lá ele quisesse eu fosse mesmo.

Quando dois homens sérios puxam as barbas e bigodes numa conversa de ouvidos atentos e vozes mansas, eu sabia que aquela galhardia do começo resultava em algo para ser conversado. Me distraio com Guaraná e bolo. Olho as pernas das moças passando com bacias de roupa e de feira à cabeça. Algumas monumentais. O calor da tarde quis que eu desabotoasse mais um botão da camisa de linho à procura dos primeiros haustos de vento. Melhor assim.

De certo modo, os homens na feira de Cidade Grande andavam todos vestidos de camisas cinzas, pretas e brancas, como se de um enterro voltassem, um aguardassem ou para algum ainda fossem. Da janela da casa de Coutinho, as moças se distinguiam em vermelho e amarelo com as vestes brancas, algumas coloridas, dos chineses que se fincaram no comércio local. A fala daquele que nos interpelou, lembro, trouxe o sotaque

misturado com o mal-falado típicos dos estrangeiros. Não me era nada de mais. Talvez até gostasse dos chineses.

- José, vem cá. - chamou meu pai. - Você fica aqui em Coutinho hoje de noite, depois segue com sua mãe de passagem na cidade pra casa da sua avó. Tu passa uns dias por lá, que eu vou fazer uma viagem.

Nenhuma viagem estava programada por estes dias. No quarto onde Coutinho e papai estavam, eu percebi, haviam para dez ou doze armas. Não sei, pois julgam as crianças do meu colégio que mesmo no adiantado sexto ano eu ainda não soubesse contar tão bem.

- Tudo bem – respondo.

Voltamos procurando o boi morto na estrada da cidade para o nosso sítio, o sol manchando de sangue o azul prenhe das nuvens de chuva.

- Tem um presente pra você na sua avó. - disse meu pai.

- Eita, qual?

- Uma espingarda soca-soca de pegar lagartixa, de atirar em bicho na roça.

Neste momento, o pai quase atropela um vendedor de batatas, um chinês, que atravessava a rua com um cachorro que lhe havia escapado das mãos. Um família inteira vivendo à beira do asfalto, e o cachorro, da filha pequena, solto, quase atropelado. Ao frear bruscamente, quase bato com a cabeça no vidro do carro.

O pai da estrada faz que desculpa, com as mãos apoiadas uma na outra. Cachorro não tinha culpa. Pai acelerou como se mais do que o cachorro, quisesse atropelar a família toda. Era visível um temor, um olhar de ódio, um dissabor da vida, escorrendo do jeito sério com que meu pai quis fazer com que a sua picape atropelasse um ódio cultivado por anos pelo avô Genésio.

- Esses comunistas, vão ter o que merecem. - resmungou.

Ao chegar, minhas coisas estavam prontas num balaio de roupas pela empregada Janete. Avô sentado entre lençóis, todo coberto, o vento mexendo mais a cadeira do que o impulso de suas pernas. Uma sopa à minha espera. Meu pai limpando a espingarda de

matar bicho. Parecia um ritual diferente desta vez. E o caminhão que me levaria de volta à cidade já na estrada, chegando.

Dei dois olás ao vovô que me olhava sem eu sentir vida naqueles olhos mansos, distraídos, protegidos pela manta grossa contra o frio que ele entendia por novos ventos. Papai outrora me contou que o avô foi capitão da reserva, serviu até em guerra. Era chamado de capitão japonês. Por essas coisas eu tinha espingardas de brinquedo desde a meninice mais pequena, quando desenvolvia de brincar com atirar em bonecas de pano que a minha irmã inventava de colocar sob a minha mira.

Naquele dia, senti que o avô talvez chorasse. Pela minha partida? Pouco se via nos olhos meio puxados. Passei a ter uma curiosidade pelos olhos depois que um capitão um dia nos disse que os olhos vão fundo na nossa alma, que os olhos são o espelho da pátria. Aqueles, meus, do meu pai e de meu avô eram meio puxados, mas ainda brasileiros.

- O caminhão chegou. - avisou meu pai.

- Tchau, vovô – beijei-o com os lábios absolutamente enregelados pela presença daquela pele fria e macia.

Subi no caminhão, e o meu pai despediu-se de uma maneira ainda mais enfática, dizendo que logo que resolvesse as coisas por aquelas terras talvez me encontrasse na casa de Coutinho, antes de eu ir embora; talvez me visse somente no próximo natal. Ou próximo ano. Aceitei, com a promessa de que quando chegasse teria minha espingarda soca-soca.

Ao longe fui perceber que meu pai acabaria com todos os chineses da região. Não sei como, mas nossos olhos puxados não podiam mais ser escondidos a pretexto de uma associação com os forasteiros que dia-a-dia chegavam. O motorista do caminhão puxou um papo assim, notou meus olhos puxados, riu da minha cara, e disse que comigo mesmo não ia acontecer nada.

Dois tiros se ouviu do sítio – quem atirou na casa do meu avô? O boi morto surge na estrada, sob algum fedor.

Na casa de Coutinho, eu espero pela mãe com uma dúzia de homens pegando e limpando armas. Ainda tem guaraná suficiente para a estrada. Quando chega a minha mãe, algo apressada, percebo que não era ali que ela queria ficar mais um pouco. E foi

ali, terminando meu lanche, que eu percebi a maneira como, tratando-a, Coutinho não esconde o sorriso frouxo no rosto ao chamá-la de “Linda Ling”. E tem um beijo, uma afeição entre os dois.

Ouvi-o dizer que pela casa do avô Genésio as coisas já se deram. Tinha mais gente lá? E foi quando percebi que os doze homens limpando as armas carregavam os nossos olhos puxados. Não sei se eram brasileiros.

- Vamos, Ken? - chamou minha mãe, pelo meu outro nome.

É dia de Santo Antônio aqui no interior paraibano, santo cultivado com uma longa queima de fogos. Vimos algumas fogueiras, muitas bombas. A fumaça entupindo os pulmões. E a chuva, que começa fora do carro, varre o mal cheiro da carcaça do boi morto na estrada, mas não varre a lembrança da espingarda, promessa do meu pai.

João Matias de Oliveira Neto, *Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco, é pesquisador do Instituto de Estudos da África (UFPE) e professor universitário. Publicou o livro de contos O Vermelho das Hóstias Brancas (Bagaço, 2010) e organizou a coletânea Diacronia: Ensaios de Comunicação, Cultura e Ficção Científica (Marca de Fantasia, 2015). Participou de grupos literários na capital paraibana, como o Núcleo Literário Caixa Baixa e o Núcleo Blecaute, responsável pela edição da Revista Blecaute de Literatura e Artes e coordenação do Encontro de Literatura Contemporânea na Paraíba. Como roteirista, dedica-se aos quadrinhos e ao roteiro cinematográfico, tendo atuado em trabalhos didáticos junto à editora Patmos e a produtora de cinema Vermelho Profundo.*

O MENINO POETA

TIAGO GERMANO

1.

Eu tinha sete anos quando meu tio se candidatou a vereador pela primeira vez. As urnas eram ainda de lona e as cédulas de papel e havia aquele espaço em branco onde o eleitor escrevia o nome ou o número do seu candidato. Eu me lembro disso porque tinha acabado de me alfabetizar. Eu treinava assinar o meu nome ali, nas reproduções das cédulas que eram impressas pelo partido e distribuídas entre eleitores não mais alfabetizados do que eu.

Na Solânea da minha infância, onde poucos eram os que sabiam ler e escrever, as eleições eram disputadas assim. Não ganhava o político que fosse mais honesto ou desonesto. Ganhava o político que conseguisse alfabetizar a população ou, na melhor das hipóteses, ensiná-la a decorar um nome para escrevê-lo depois nas cédulas de votação.

Meu tio foi de uma geração de políticos conhecida por seus apelidos e por sequências numéricas cheias de algarismos repetidos. Havia poetas que cometiam rimas criminosas com essas duas coisas e os versos musicados passeavam em carros de som pelas áreas mais pobres, seguidos por comitivas que atiravam santinhos na cabeça do povo como confetes na cabeça de foliões.

Meu tio não tinha um nome, mas um par de óculos ou, dependendo da habilidade motora do eleitor, uma bicicleta que era desenhada no papel sem nenhum capricho.

OTO.

As bolinhas são as lentes. Aqui, o nariz e a armação.

OTO.

Essas são as rodas. Esse o guidão.

OTO.

Nesse eu VOTO.

O número é quinze e três patinhos na lagoa.

2.

Eu participava do bingo eleitoral sem ter muita ideia do que se tratava. Enfeitava minha bicicleta com os adesivos da campanha e saía a pedalar atrás do carro de som. Sentia a chuva de santinhos roçar no meu rosto, a vibração do povo gritando das calçadas, afinava a garganta e cantava a música dos três patinhos na lagoa com um entusiasmo febril, com um orgulho que não podia caber no tórax de uma criança de sete anos.

Ia sempre aos comícios, quando a cidade se vestia de domingo e os comensais de cada partido — os “babões”, como dizia meu pai — subiam na caixa d’água da praça para contar o número de carros da carreata. Cada um descia com um número diferente, com uma narrativa de glória ou de fracasso que sempre se contradizia e que era perpetuada de boca em boca, do bar da sinuca até a padaria da esquina.

Eram tantos carros trafegando em marcha lenta, tantos motoristas buzinando, tantas pessoas com camisas de uma mesma cor, empunhando bandeiras, e tantos fogos de artifício que espocavam no ar, com nuvens destas e daquelas cores e formatos no céu. A ambos os lados parecia irrelevante que a grande maioria dos motoristas só estivesse ali para encher o tanque na conta dos candidatos. A ambos os lados parecia irrelevante que o povo... bem, o povo só estava ali mesmo para ver os shows.

3.

Sim, porque, nessa época, ainda havia shows depois dos comícios.

A política era a principal fonte de renda das bandas, que no período eleitoral empreendiam grandes turnês da capital até o interior.

No palanque, um palco que podia ser improvisado na traseira de um caminhão ou erguido com andaimes e ripas bem no meio do calçadão, o meu lugar era ao lado do meu tio, a uma primeira-dama do futuro prefeito e do seu vice, um sujeitinho atarracado, pequeno e insignificante como todos os vices, um babão que, segundo o meu pai,

ascendeu no partido à custa de muitos cruzeiros e da doação de um terreno para o nosso comitê.

Digo “nosso” porque o comitê do partido era a minha segunda casa, um lugar onde eu me sentia inteiramente à vontade desde que não na companhia daquele impostor, daquela criatura por quem eu alimentava uma secreta antipatia derivada somente do fato de ele roubar do meu tio o título que lhe era devido: o de segundo homem mais importante naquele lugar.

Claro que era muito conveniente a presença de uma criança no palanque e claro que todos sabiam disso, menos eu. Como sobrinho do meu tio, eu não podia nem vestir a sua camisa nem o seu boné, nem empunhar a sua bandeira para não favorecê-lo diante dos outros vereadores da chapa.

Eu costumava suar muito na frente do canhão de luz porque, por baixo da camisa com o rosto do candidato a prefeito (eu me recusava a usar a que tinha a foto também do vice), eu insistia em colocar a camisa de campanha do meu tio. Eu acenava com ele para a multidão e houve até uma vez em que tive o privilégio de anunciar o show que aconteceria em seguida.

Meu tio me carregou nos ombros e, depois, a multidão me aplaudiu e pensei até ouvir alguém gritando o meu nome.

4.

Mas a verdade é que, apesar desses momentos de glória, eu era uma criança muito tímida.

Convivia com poucos meninos da minha idade e, não fossem os passeios de bicicleta até o comitê, passaria a minha infância dentro de casa, fazendo exercícios de caligrafia que, para mim, eram uma grande diversão.

Minha função no comitê era bastante simples. Eu basicamente tinha que organizar as coisas.

Os cabos eleitorais tiravam das malas dos carros as bandeiras, camisas, bonés, adesivos, santinhos, modelos de cédulas de votação, e tudo o que eu precisava fazer era

juntar tudo aquilo num canto e empilhar, para quando as equipes fossem sair e distribuir o material entre os eleitores.

Às vezes apareciam algumas cópias defeituosas e isso era o meu pagamento.

Eu ficava muito satisfeito em poder levar para casa pequenos montantes de papel, colecionava as fotos dos vereadores como carteiras de cigarro ou figurinhas de um álbum e o meu tio sempre tinha lugar de destaque nessa coleção.

Em todas, em absolutamente todas as fotos do vice-prefeito, eu desenhava chifrinhos a caneta e pintava bigodes e dentes podres.

Seu sorriso ficava ainda mais falso e dissimulado.

5.

Foi no comitê que, pela primeira vez, alguém notou que eu talvez tivesse algum problema de vista. Eu aproximava bastante os olhos do papel antes de conferir os nomes e os números dos candidatos e não era porque eu havia acabado de aprender a ler que eu fazia isso – eu simplesmente não conseguia reconhecê-los se não fosse tão de perto.

Alguém do estafe avisou ao meu tio e marcamos a consulta para dali a duas semanas, quando ele iria junto com meu pai para uma convenção do partido em Campina Grande. Por coincidência, levaríamos pessoas numa kombi para trabalhar no evento justamente em troca de consultas de vista, já que não havia hospital em Solânea e as pessoas que usavam óculos renovavam suas consultas de quatro em quatro anos, na época das eleições.

Não havia crianças usando óculos na minha escola e eu passei alguns dias seriamente preocupado com a possibilidade de ser o primeiro.

6.

Mas quinze dias podem ser uma eternidade para alguém com sete anos de idade.

Naquele fim de semana anterior à viagem, havia um novo comício em um sítio nos arredores de Solânea.

O partido contratara uma banda famosa a fim de atrair a população da cidade para a zona rural e eu nunca empilhara tanto material antes, nos fundos do comitê.

No dia do comício, chegamos atrasados porque enfrentamos um imprevisto na estrada de terra que levava até o sítio. O povo da cidade ia abandonando seus carros no meio do caminho e seguia a pé, cumprimentando as outras pessoas que insistiam em continuar dirigindo.

Meu pai contou mais de trinta pessoas que ele tinha certeza de que não votariam nem no candidato a prefeito nem no meu tio. Eu estava aflito com o atraso e como se poderia suspeitar, suava em abundância por baixo da dupla camada de roupa.

Quando a caminhonete do meu pai chegou, meu tio já estava posicionado no palanque, no seu lugar cativo ao lado da primeira-dama e do prefeito. O vice aplaudia a multidão agitando as bandeiras, bradando alguma canção do partido a plenos pulmões. O homenzinho aplaudia e batia o pé fora do compasso, num xote patético e desritmado. Eu implorei ao meu pai que fôssemos até o palanque mas ele disse que nem a pau atravessaria aquela multidão. Que o melhor era assistir ao comício dali mesmo, da caçamba da caminhonete, e depois arranjar um jeito de cumprimentar meu tio antes de voltarmos.

Eu bufei em concordância, tirei a camisa do prefeito já que não ia subir no palanque afinal de contas, e fiquei me refrescando com o vento que circulava por cima da cabeça do público.

7.

Até que, apertando um pouco os olhos, pude enxergar de longe o menino.

Ele estava um pouco atrás do vice, tinham quase a mesma estatura. Não usava a camisa do partido, mas uma camisa de tecido com os primeiros botões desabotoados e que parecia curta demais para o seu tamanho. Não usava sapatos, mas chinelos. Não parecia ser da cidade. Devia ser um pouco mais velho que eu.

Em algum momento do comício, acredito que pouco antes do discursos dos vereadores, ele tomou a frente do palanque. Segurou o microfone um tanto assustado e o público, que já estava de boca fechada, foi ensurdecido por uma aguda microfonia. O vice tomou o microfone da mão do menino e ajustou o fio. O menino segurou de volta o microfone e olhou para ele um tanto aparvalhado, sem saber o que fazer. A multidão prorrompeu em risadas. Eu começava a me sentir vingado pelo mal que aquele menino me fazia apenas por estar ali, num palanque que era meu. Eu gargalhei pro meu pai buscando sua cumplicidade mas ele parecia bastante curioso com o que estava prestes acontecer.

Porque depois do vexame, depois das risadas, o menino também riu e começou a falar. E a multidão se calou de novo. E o meu pai então sorriu. E o menino recitou um poema que ninguém conhecia, um poema de sua autoria que havia ficado escondido esse tempo todo sob um teto de taipa do sítio, um poema cujas primeiras rimas pagavam e ainda davam o troco para todos os crimes que os poetas mais velhos e mais estudados que ele cometeram, naquelas musiquinhas que a cidade costumava cantar acompanhando o carro de som.

A cada verso, a multidão parecia mais entusiasmada e agora era o prefeito que puxava os aplausos e batia o pé, satisfeito. O menino rimava nomes e números de todos os candidatos a vereador inclusive o do meu tio, que se sobressaltou quando foi citado pela primeira vez. O menino rimava o nome de cada bairro da cidade e de cada logradouro da zona rural. Falou de lugares que eu não conhecia e que metade dos políticos ali, quiçá até o prefeito, jamais haviam sequer botado o pé.

Ao final da última estrofe, a multidão estava sem fôlego mas o menino ainda parecia ter disposição pra outro poema como aquele. E quando o microfone enfim lhe foi tirado da mão e o prefeito lhe deu um abraço e uma tapinha nas costas, e pediu que ele contasse um pouco mais da sua história, de como era viver naquele sítio e ser um menino poeta pobre e sem comida, sem escola, sem hospital, o menino ainda improvisou uma quadra falando das dificuldades e da vida do homem do campo, de como o novo prefeito, aquele cidadão de bem que segurava o microfone e olhava pra sua amada, emocionada, ia trazer bonança, ia trazer esperança, praquele povo com fome, praquela gente tão castigada.

Meu pai estava exultante com aquelas rimas.

Eu, repentinamente, comecei a me queixar bastante do frio.

Dei um jeito de passar todo o resto do comício trancado dentro da caminhonete, vendo os vidros das janelas vibrarem por causa do barulho.

8.

Muito se falou do menino, na volta para a cidade, na mesa do café da manhã, na rua, ao longo de toda aquela semana.

O candidato a prefeito aproveitou a passagem da banda pela cidade e pediu que ela transformasse aquele poema em canção. Os versos do menino se tornaram hino oficial da campanha e passeavam agora até no carro de som do meu tio, que eu desgostoso deixei de acompanhar com a minha bicicleta.

Meu tio estava ocupado demais para sentir minha falta naqueles dias de campanha. Ele era parte da liderança do governo no interior e o governador em pessoa contava com sua presença na convenção do partido, naquele fim de semana em que viajaríamos para Campina Grande e eu faria meu exame de vista.

Foi quando meu pai me lembrou disso, e a preocupação pelos óculos voltaram mas foram logo absorvidas por outra preocupação mais importante — a de que o meu tio conhecia o governador e talvez eu, naquela viagem, também teria a oportunidade de conhecê-lo. Comecei a planejar o meu retorno triunfal aos palanques.

Eu tinha facilidade para decorar as músicas e todas aquelas rimas — as boas, que eram do menino, e as criminosas, que não eram do menino. Eu comecei a me perguntar se eu, também eu, não tinha condições de fazer um poema como aqueles. Se eu não era capaz de impressionar o governador, o prefeito, o meu tio, o meu pai, a multidão inteira, sendo aclamado por toda a cidade, recebendo elogios, abraços e tapinhas nas costas de toda aquela gente.

Eu passei dois dias e duas noites quebrando a cabeça, tentando inventar um poema. Não prestava mais atenção às aulas, atrasei a minha tarefa, até que consegui memorizar algumas quadras, com algumas palavras difíceis que ouvia nos discursos e nas entrevistas dos candidatos nos programas de rádio.

Às vésperas da viagem, interrompi o almoço em família com uma certa solenidade pomposa e recitei todo o meu poema. Minha mãe gostou tanto que pediu para eu repetir e anotou num papel, e disse que meu pai devia mostrar aquilo pro meu tio. Obviamente que isso não estava nos meus planos. Eu só queria ouvir algumas opiniões antes de eu mesmo recitá-lo em público, mas a reação da minha mãe já era um indicativo de que tudo estava transcorrendo perfeitamente, de que eu não apenas ia impressionar o governador mas todos os candidatos a prefeito e a vereador da convenção, todos os futuros prefeitos e vereadores de todos os municípios ali presentes.

Minha fama atravessaria o estado e, em vez de contratar bandas, o partido contrataria a mim e agora talvez me pagaria em dinheiro, em viagens, em turnês, pela capital e pelo interior.

9.

Viajamos para Campina Grande em uma kombi lotada, meu pai e meu tio na frente, ao lado do motorista; eu na parte traseira, dividindo lugar com o material de campanha que eu mesmo me lembrava de ter organizado semanas antes; e todas as duas fileiras de bancos entulhadas de pessoas, algumas nos colos umas das outras, todas elas de óculos, todas elas passando calor porque, lembrando um pouco o meu método, precisavam usar outras camisas por cima das camisas do partido para que a justiça eleitoral não suspeitasse de nenhuma fraude.

Ainda assim, meu tio colocou um bom dinheiro no bolso do motorista antes que a Manzuá o parasse e ele argumentasse: “Tô com a família, mestre” (uma família de no mínimo 15 pessoas, apenas três delas se parecendo entre si). Aqui está um trocadinho para o guaraná” (tirando aquele bolinho de notas do seu bolso e colocando no do policial).

No caminho, nenhum dos passageiros ousava emitir uma palavra e foi meu tio que gritou lá da frente, o vento entraando pelas janelas e nos ensurdecendo lá de trás, a frase passando de passageiro a passageiro, como um telefone sem fio, até chegar a mim: eu por acaso não queria falar no carro o poema que eu iria recitar hoje na frente do governador?

Eu vi os olhos do meu tio pelo espelho e sorri animado. Enchi o meu tórax de sete anos daquele orgulho que eu não havia perdido e restaurei todo o entusiasmo que se

desvanecera depois que o menino poeta roubou meu lugar no palanque. Enfiei minha cabeça entre os ombros de duas senhoras que faziam toda a viagem desfiando um rosário e berrei o meu poema bem no ouvido delas, que sequer interromperam sua oração silenciosa.

Meu tio puxou os aplausos e eu não tinha mais sequer a menor dúvida: aquela viagem seria minha consagração.

10.

Todos estavam com a pupila bastante dilatada na convenção do partido. Eu sofria de miopia e astigmatismo, ambos em graus bastante elevados. Meus óculos ficariam prontos dali a uma semana e tanto meu pai quanto meu tio tentaram me consolar na viagem de volta pra casa: as meninas da minha sala iam todas querer me namorar, justamente porque eu seria o primeiro menino do colégio que elas veriam de óculos. Na kombi, algumas moças mais novas assentiram, sem qualquer convicção. Eu me encolhi no meu canto, enjoado, e comecei a lembrar do meu encontro com o governador. O meu tio havia me guiado pela mão porque eu estava enxergando um buraco no chão a cada passo que dava. O governador, um homem de topete e cabelo grisalho, os olhos muito fundos por trás de duas grossas lentes e um certo mau hálito, um miasma que me fez virar o rosto quando ele se aproximou, de repente me perguntou:

“Seu tio lhe disse que eu também sou poeta?”

Eu apenas neguei com a cabeça.

O governador olhou pro meu tio e ele sorriu constrangido.

“Pois saiba que eu sou sim. E ele me disse que você tem um poema pra recitar hoje pra mim...”

Eu então me esquivei daquelas mãos gordas e saí correndo, tropeçando logo em seguida.

Na queda, trombeei em um garçom que derrubou o litro de uísque que seria servido ao governador.

A garrafa se espatifou no chão e todos os candidatos a prefeito e vereador, de todos os municípios que estavam presentes naquela convenção, olharam para mim, atônitos.

11.

Naquela eleição, o nosso candidato a prefeito foi eleito com a maioria esmagadora dos votos. Meu tio foi também o vereador mais votado e ocupou o posto de presidente da câmara, depois de uma apuração em que os fiscais se debruçaram sobre montanhas de cédulas e reivindicavam cada armação de óculos (as quadradas e as redontas), cada bicicleta (as com guidão e as sem guidão) desenhada nas cédulas de papel, como votos válidos em favor do meu tio.

Ele brigou até o fim por alguns casos específicos que, depois ele mesmo assumiria, não passavam de puros rabiscos, de garranchos malfeitos que nem ele mesmo entendia o que queriam dizer.

Eu comemorei a eleição um tanto consternado, já de óculos novos, vendo o menino poeta brilhar novamente na festa da vitória, recitando sua mais recente obra-prima. De perto se constatava que ele era na verdade um adolescente raquítico.

Meu tio insistiu que eu subisse ao palanque junto com ele, mas dessa vez eu educadamente recusei.

12.

Quatro anos depois, meu tio voltaria a se candidatar. O prefeito tentava a sua reeleição, e como seu vice-prefeito tinha sido pego num esquema de corrupção que pretendia favorecer um frigorífico montado no mesmo terreno onde antes funcionava o nosso comitê, meu tio foi chamado para assumir seu posto na futura chapa.

Era a primeira eleição realizada com urnas eletrônicas em Solânea. O menino poeta tinha então 18 anos recém-completados e se candidatou a vereador, ironicamente por um partido de oposição ao nosso.

Diferente do menino poeta, vereador mais votado e novo presidente da câmara, aquela era a primeira eleição que meu tio perderia na vida.

13.

Meu tio tentou se candidatar a vereador outras duas vezes.

Ele nunca mais conseguiu se reeleger.

Tiago Germano é autor do romance *"A Mulher Faminta"* (Moinhos, 2018) e do volume de crônicas *"Demônios Domésticos"* (Le Chien, 2017), indicado este ano ao Prêmio Jabuti.

O MEDO POR VIR¹

ARTHUR TELLÓ

Alguém devia tê-la denunciado, porque numa manhã, ao despertar de sonhos inquietantes, deu com o oficial de justiça à sua porta para lhe dar voz de prisão, embora ela não tivesse cometido crime algum.

Caio, pensou Soraya. Quem mais poderia delatá-la se não ele?

Eu escrevo este relato sobre Soraya. Soraya por ora é nada. Apenas uma informação linguística, um som em busca de um pensamento organizado. Eu escrevo os pensamentos de Soraya e tenho medo por ela. Entre 5h e 6h da manhã de ontem, acordei ouvindo gritos de *Socorro, Estão me matando*. Acordei minha mulher e abrimos a janela. O céu azul escuro estava prestes a clarear. A atmosfera fresca e gelada arrepiou os pelos do meu braço. Não localizamos a voz, mas continuamos a ouvir o grito estridente *Socorro, querem me matar*. Um homem gritava e havia também uma mulher gritando, embora a voz dela não tivesse a nitidez da voz dele. Agora, escrevendo sobre Soraya, o céu escuro, o calor abafado após uma curta chuva de primavera, a imagem da Catedral Metropolitana me remetem a esse grito mal explicado. Passou um dia e ainda não sabemos nem quem nem por que alguém gritou.

Entre o meu estado e o de Soraya há um medo comum, uma tensão de caminhar na rua e sentir olhares raivosos apalpando-nos. O medo dela é maior que o meu. O medo da minha mulher é maior que o meu. Ontem eu a proibi de usar qualquer adesivo aludindo ao #EleNão, embora eu tenha saído com um.

Soraya achou infantil, mas perguntou ao oficial se poderia fumar um cigarro antes de se render. Ele disse Sim, surpreendendo-a. A respiração pausada não disfarçou os dedos trêmulos. Soraya pediu, por favor, você poderia acender? O oficial aproximou a mão gorda, de dedos grossos e unhas sujas amareladas, do rosto dela, acendeu o isqueiro, a chama esquentou o rosto de Soraya e ela bafejou a primeira tragada no rosto do oficial.

¹ Dedico este conto aos meus irmãos de armas Tiago Germano, Irka Barrios, Taiane Maria Bonita e Matheus Borges

Filho da puta. Caio não resistira a choques, pau de arara e ratos enfiados no cu. Agora ele a traía, e em menos de uma hora ela estaria em frente a algum militar sádico com paixão por menininhas de seios pequenos como ela. Soraya desviou o olhar da ponta do cigarro: por um segundo a brasa entre as cinzas lhe lembrou dos seus mamilos vermelhos e pequenos. Uma mistura de corrente elétrica e dor lhe deram um comichão apertado. Fechou os olhos e imaginou Caio sobre um chão de ladrilhos frios no meio da noite. Certamente haveria mais alguém na cela, a quem era preciso chocar. Em 2001, a ex-presidente Dilma Rousseff contou detalhes de sessões de tortura às quais foi submetida em 1970. Ela foi colocada no pau de arara, tomou choques elétricos, apanhou de palmatória e foi submetida a socos. A ex-presidente disse: *“Uma das coisas que me aconteceu naquela época é que meu dente começou a cair e só foi derrubado posteriormente pela Oban (Operação Bandeirante). Minha arcada girou para outro lado, me causando problemas até hoje, problemas no osso do suporte do dente. Me deram um soco e o dente deslocou-se e apodreceu. Tomava de vez em quando Novalgina em gotas para passar a dor. Só mais tarde, quando voltei para São Paulo, o (capitão Benoni de Arruda) Albernaz completou o serviço com um soco arrancando o dente.”* Esses são detalhes concretos. Não posso ignorá-los se eu quero transmitir o medo que toma conta de Soraya.

Por toda parte, seus amigos somem, desaparecem. Antes de o pai bancar a libertação da filha e enviá-la para o exterior, Diandra dissera como, à noite, as celas e os corredores eram tomados por gemidos. Ninguém gritava; muitos se lamentavam sem parar. Dos porões escuros, das celas úmidas e quentes, a imagem mais concreta do terror era o corpo branco sujo, escoriado, maltratado e reduzido a frangalhos. E o Caio?, Soraya perguntara a Diandra. Alguma novidade?, complementou sussurrando. Diandra disse: não sei. Quando nos pararam, levaram o Caio primeiro. Ela só lembrava do pano de veludo escuro sobre o rosto, o medo molhando o corpo e o sacolejo do camburão, Diandra disse. E disse: de mais não lembro. E disse: não vi mais o Caio, Soraya.

Perpassa a minha cabeça e a de Soraya outro relato assustador. Maria Amélia de Almeida Teles teve os filhos raptados depois de ser presa com o marido, César, em dezembro de 1972. O coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra a torturou pessoalmente.

“Tive os meus filhos sequestrados e levados para sala de tortura, na Operação Bandeirante. A Janaina com cinco anos e o Edson, com quatro anos de idade. [...]

Inclusive, eu sofri uma violência, ou várias violências sexuais. Toda nossa tortura era feita [com] as mulheres nuas. Os homens também. Os homens também ficavam nus, com vários homens dentro da sala, levando choques pelo corpo todo. Inclusive na vagina, no ânus, nos mamilos, nos ouvidos. E os meus filhos me viram dessa forma. Eu urinada, com fezes. Enfim, o meu filho chegou para mim e disse: “Mãe, por que você ficou azul e o pai ficou verde?”. O pai estava saindo do estado de coma e eu estava azul de tanto... Aí que eu me dei conta: de tantos hematomas no corpo.”

Quando o cigarro acabou, o oficial disse à Soraya que ela poderia fumar outro. Ele não olhava nos olhos dela. Soraya achou que era compaixão. As sobrancelhas grossas de fios irizados do homem quase se uniam, criando um efeito simpático ao rosto redondo, bolachudo. A cidade comportava-se como se nada estivesse acontecendo de estranho. Os pássaros cantavam suas bobagens, o céu azul sem nuvens onde o sol espalhava tórridas ondas de calor seguia calmo e às vezes era cortado por um avião. As crianças dos prédios estavam na escola e chegavam à Soraya o cheiro de comida caseira, de feijão requentado e o barulho dos programas de tevê. Caio era branco, magro e usava óculos grossos. Sem as lentes, ele perdia o equilíbrio e se encolhia feito uma criança indefesa. Primeiro devem ter tirado seus óculos. Depois não quero nem pensar. Se seu corpo caiu cortando a noite ao meio já devia ser outro corpo, muito diferente do que eu conheci, Soraya pensou. Eu disse para ele parar com aquilo. Mas ele insistiu. Era preciso resistir. E agora um Caio desdentado, ruído e humilhado a perturbava. Quantos litros de água seriam necessários para lavar o sangue ressecado, vermelho e negro? Quanta água até aparecer novamente a pele branca? Ele fora o único rapaz sem espinhas que Soraya conheceria.

Bafejou o cigarro novamente. Estava quase no fim, e Soraya não poderia fazer nada. Eu que escrevo não posso fazer nada. Caio é um nome que nos dá um aperto terrível na garganta. Caio. Caio. Soa como um nome santo e blasfemo, por culpa da delação dele o que aguardará Soraya por trás da compaixão das sobrancelhas unidas do oficial? É preciso fazer algo logo, pois o tempo de Soraya está acabando.

Mas fazer o quê? Qualquer solução vai me devolver à arbitrariedade da escrita, à ficção. Uma solução desse tipo não vai resolver nada. Por toda parte, dos corredores escuros, dos bueiros infectos das cidades, da pestilência nauseabunda do ar, aparecem escoriações, facadas, a imagem de um Brasil por vir.

Soraya atirou a bituca ao chão e pisou em cima dela. O barulho arranhou seus ouvidos e pareceu de mau gosto.

Os sonhos inquietantes da manhã deviam ser um agouro do que estava por vir. Assim como a razão dos gritos de ontem, não vou saber o que estava por trás dos sonhos inquietantes de Soraya.

Tenho pena dela.

Acabou?, perguntou o oficial. Vamos.

Arthur Telló é formado em Letras pela UFRGS e tem mestrado em Escrita Criativa pela PUCRS, onde, além de cursar o doutorado em Teoria da Literatura, dá aulas de Latim, Grego, Literatura e Escrita Criativa. Em 2016, venceu o prêmio Açorianos na categoria Criação Literária com o romance "O tríptico de Elisa", ainda inédito.

LADO B

T.K PEREIRA

Se quiser me ouvir, vai ter que desligar o gravador. Todo cuidado é pouco. Obrigado por ter vindo. Viajo em algumas horas, então serei direto: não vou te entregar o sistema todo. Aqui tem documentos, cifras, uns nomes, o bastante pra indicar um rumo; o resto é contigo. Entenda: não pretendo deixar o jogo, é lucrativo demais; só preciso de tempo pra processar o que aconteceu. Pra ser honesto, há outra razão. Factoides são arte. Não se trata de espalhar “fake news”, mas de explorar fraquezas. É uma relação de poder. Você é jornalista, sabe como funciona. Não há nada de absurdo no que faço. Conheço as pessoas desde sempre, sei como lidar com elas. Meu pai nunca soube do filho aos amassos com outros garotos da academia; se ao menos desconfiasse, o coronel morreria de vergonha, não de derrame. Egos corporativos me garantiram independência aos vinte, inúmeros cargos de confiança e minha própria empresa. E o Cláudio... Não foi difícil convencê-lo a deixar esposa e filhos pra viver comigo. Pessoas são previsíveis. Sensibilidade é imprescindível neste ramo. Vejo tantos amadores por aí...

Sabe o que define um bom factóide? *Timing*. Surfamos a onda do momento: ora a favor, ora contra, uma ideologia pra viver, abaixo todas as ideologias. Não é preciso QI de gênio filósofo: dizemos às pessoas o que elas querem ouvir. Legitimamos paixões e ódios, potencializamos esperanças e medos, canalizamos preconceitos e imoralidades. Fato, invenção, pouco importa. Cada um traz em si a própria verdade. Conscientemente ou não, é nisso que muitos se apoiam. Eis aí nosso trunfo: muitas pessoas só querem ter razão. Então damos aos resolutos a chance de tripudiar. Aos duvidosos, a pulga atrás da orelha. Revelamos a incoerência humana por baixo da farsa de civilidade. Generalizo... Tudo bem, generalizar é parte do negócio. Mas o tripé mesmo é este: imagem, redação, fatos obscuros. Planeje dois ou três sites, capriche na aparência; entrelace-os como fontes-referências de si mesmos, utilize termos incomuns; cite linhas de pensamento, livros, fatos e pessoas reais ao longo do texto. Distorça a informação à vontade. Adapte aos aplicativos de mensagem e redes sociais.

O ponto delicado é a disseminação. Nisso, as companhias de dados são de grande ajuda. Elas cobram alto, mas são eficientes, pode perguntar lá em Brasília. Os documentos citam algumas; concorrentes nossos, claro. Destaquei o nome de um bem mau-caráter.

Suspeito que ele tenha dedo em esquemas mais escusos, lavagem de dinheiro, sonegação; são só rumores, mas onde há fumaça... Desprezo o sujeito. Sou profissional, não distingo clientes, tampouco tomo partido. Tenho equipes inteiras à disposição de quem puder pagar. Hoje são três bunkers ativos, mas havendo demanda, monto outros sem demora. Tenho um sócio que ajuda na hora do aperto. É ele quem vai tocar as coisas na minha ausência; é preciso estar alerta neste jogo. Quem somos não vem ao caso, então não se preocupe com isso. Concentre-se no que está na sua bandeja. Já é o bastante pra você e seu jornal fazerem algum barulho, quem sabe até mudar um pouco o rumo das coisas. Porque acredite: é preciso. Bolar teorias conspiratórias já não é mais tão divertido.

Sei que você percebe a onda. Não te escolhi à toa. Mas muitos ainda estão cegos. As coisas não são como em 2010, 2014; em algum ponto de lá pra cá ultrapassamos um limite. Deixamos de atacar apenas ideais. Hoje queremos destruir pessoas, gente inofensiva como você e eu - ok, talvez eu não seja um bom exemplo. Queremos sangue: ferimos reputação, mente, corpo. Com um dedilhar arruinamos uma vida. Vá em frente, me chame de hipócrita. Afinal, eu lucro com a desinformação. Pra mim sempre foi um trabalho, nada mais. Não tenho pelo que me desculpar, tampouco posso negar meu orgulho. Sou dos melhores no que faço, e amo. Forjar narrativas, manipular fatos, brincar de Deus, é fascinante. Sabe o que me dá mais satisfação? Moldar a ilusão de liberdade, de livre arbítrio. Milhares de pessoas aceitando o evangelho que forneço, compartilhando sem questionar, um exército de apóstolos inconscientes da própria ignorância. Talvez a imagem te assuste. Assustou a Cláudio também.

É por Cláudio que estamos aqui conversando. Ontem, ele se recusou a segurar minha mão na rua. Há dez anos corremos juntos, há dez anos voltamos pra casa de mãos dadas. Ele disse que preferia não chamar a atenção. Tentei tranquilizá-lo com um beijo; ele me empurrou e mostrou os jovens nos olhando da calçada do outro lado, em frente um bar. Discutimos a noite toda, achei que ele estava exagerando. Havia nele mais raiva e frustração do que medo. Nunca o tinha visto tremer daquela maneira. Enquanto ele tomava banho, decidi que precisava dar um tempo. Por ele. Vamos nos encontrar daqui a algumas horas. Ele está querendo deixar o país. Espero convencê-lo do contrário. Assim como espero que você consiga amenizar um pouco da histeria que criamos; talvez não seja tarde demais. Quer uma sugestão? Tente não queimar cartucho; vá o mais fundo que puder antes de compartilhar a sujeira por aí. Investigue. Não seja mais uma engrenagem. Lembre-se do *timing*. Boa sorte.

T. K. Pereira é organizador do projeto “7 coisas que aprendi”, acervo com mais de 100 depoimentos de escritores. Finalista do Brasil em Prosa 2015 com o conto “Doses de orgulho e vergonha”. Publicou contos nas antologias “Onisciente Contemporâneo”, “Translações Singulares” e “Não Culpe o Narrador”.

POEMAS

CARVALHO JUNIOR

a semente imperecível

um olhar rançoso tenta atravessar meu riso.

armas de tristes incêndios querem intimidar meus braços estendidos.

a coragem em mim nascida, como um garoto que

guarda limões no bolso, enfrenta de olhos fixos

as lentes diurnoturnas da serpente.

caminho pelas ruas da cidade, com a face tingida de esperança, com novas feridas
acesas, com a pele

marcada de cicatrizes, sentindo/seguindo a luta dos meus ancestres.

sou vinicius, sou moa, sou marielle. sou uma ideia que a semente está dentro da terra,
acima da treva, no interior de cada criança construtora de castelos de areia indeclináveis
às solas de coturnos turvos.

a torneira cinza da pia

derrama o soluço da mãe

a torneira cinza da pia,

o sangue do filho morto

pelo projétil da ira

:

flui também o líquido grave

que escapa da mão ferina.

filhos de homens de bem

atiram aos cinco anos de idade,

filhos de mulheres presentes

não leem aos oito.

este futuro destroncado,

entregue a débeis mentes

:

haverá folego para

chegar aos trinta e oito?

preciso de uma torneira nova!

Carvalho Junior. Maranhense da cidade de Caxias, o professor e poeta *Francisco de Assis Carvalho da Silva Junior*, vencedor do Troféu Nauro Machado no I Festival Maranhense de Conto e Poesia (FESTMACPO) promovido pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), publicou os livros de poemas *Mulheres de Carvalho* (Café & Lápis, São Luís, 2011), *A Rua do Sol e da Lua* (Scortecci, São Paulo, 2013), *Dança dos dísticos* (Editora Patuá, São Paulo, 2014) e *No alto da ladeira de pedra* (Editora Patuá, São Paulo, 2017). Membro da Academia Caxiense de Letras (ACL), é um dos organizadores do *Encontro de Poesia Na Pele da Palavra* e faz parte do coletivo de autores alternativos *Academia Fantaxma*. Edita a página de poesia *QUATETÊ*. Tem poemas publicados em jornais, revistas e antologias literárias nacionais.

OUTRA BARATA

TIAGO D. OLIVEIRA

Um velho homem sentado em uma pedra faz anotações, ele observa a estrada que corre em frente ao terreiro. Alguns jovens se acomodam ao seu redor para ouvir o seu habitual contar no fim das tardes. Ele sorri a paz de uma vida inteira e começa.

Hoje quero falar de uma barata que viveu há tempos nesta terra. Uma baratinha insignificante que ficava ao redor da comida e não tinha força para arrancar um pedaço se quer do que tanto queria. Mas um dia isso começou a mudar, quando sem querer alguém pisou nela tentando encerrar o seu destino. Quase sem querer ou com a intenção real de acabar com uma sensação de nojo que só crescia devido a sua constante presença na casa.

A baratinha cresceu em cada tentativa de esmagamento que era acometida. Tornou-se uma enorme barata cascuda, dona de um ar que era um híbrido de loucura e alienação. Passou a investir no grito entalado dos bichos que viviam escondidos na casa. Começou a incentivar o ódio e a falsa sensação de liberdade que muitos passaram a sentir quando reagem com a mesma violência que a barata detinha em suas palavras. Alienou e fragmentou a chance de transformação positiva que havia naqueles tempos difíceis, já que a família passava por um período duro de doença. A casa precisava viver momentos diferentes dos que nos últimos tempos atravessava. A esperança morria.

A barata começou a promover a violência quando disse que forneceria ferrões envenenados para que qualquer animal pudesse se defender das ameaças que surgissem na casa. As ameaças eram o estranhamento, a diferença. O quintal transformou-se em uma terra de todos e de ninguém. E muitas vezes quando procuravam a barata para debater e aconselhar, tudo o que se tinha dela eram os seus gritos ecoando como marcação de um relógio antigo a badalar no tempo. A barata mentiu, enganou, inventou, influenciou e plantou no coração da casa um eterno desconforto, a dor.

Eram tempos de recessão e então a velhaca teve a sua grande ideia para conseguir o que queria. Disse a todos que se fosse a substituta do cachorro no posto de melhor amigo, daria para a população daquele quintal total liberdade para que fizessem o que quisessem, na hora e do jeito que melhor entendessem.

A barata, agora gigante, foi posta no lugar do cachorro de uma maneira abrupta, como quem bebe em gole só a cachaça mais forte. O cachorro uivou para a lua e se colocou a guardar o indizível daquele momento perdido na esperança de um Deus dos silêncios.

Quando o quintal foi transformado em um ambiente hostil, imundo e triste, a barata sorratamente exibiu pequenas asas tortas e teceu seu movimento para algum lugar distante das vistas de todos. A única imagem que guardaram foi a do seu sorriso diante daquele imenso caos.

O velho respira fundo e depois de um breve silêncio retoma as palavras – quando estiverem diante de uma barata, por mais insignificante que ela seja, não tentem apenas encerrá-la com o peso dos seus corpos. Enquanto falava, uma baratinha cruzou o seu caminho e parou exatamente debaixo do seu pé direito. O olhar do velho refletia o céu e todo eco da ancestralidade. Observou. Deixou ir.

Tiago D. Oliveira nasceu em 1984, em Salvador-BA, é professor, poeta e escritor. Tem poemas publicados em blogs, portais, revistas e jornais especializados. Participou de antologias no Brasil e em Portugal, dentre elas: Contos nos is (Edições Ecopy, 2011, Portugal), Entre o sono e o sonho – tomo I e II (Chiado Editora, 2013, Portugal), Entre o sono e o sonho – tomo IV (Chiado Editora, 2016, Portugal). Publicou Distraído, poesia (Editora Pinaúna, 2014), Debaixo do vazio, poesia (Editora Córrego, 2016) e Contações, poesia (Editora Patuá, 2018).

ENTÃO É NATAL

DEYSE LUNA FREIRE

Chegou a data em que toda a família iria se reencontrar. Avó, avô, tias, tios, pais, mães, filhos, filhas, sobrinhos, sobrinhas primos e primas. Não se falavam muito desde outubro, período de eleição, tinham discordado tanto que até os “bons dias” no grupo soavam provocação.

“Bom dia, família! Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos”
postou outro dia uma tia.

Din-don!

Ótimo! Começaram a chegar os parentes para a ceia de natal, mas não iriam discutir política, esse era o acordo principal.

- Que ornamentação bonita, Leia!

- “Só essas meias penduradas que poderiam ser de outra cor, não é mesmo? Um verde amarelo.” RISOS

- “Acho que essa estrela está fora de moda também.” RISOS

- “Tio Márcio, não veio vestido de papai Noel esse ano?”

- “O velho barbudo esse ano está preso.” RISOS

- “Papai Noel é comunista!” RISOS

Hora da ceia em família e estão todos sentados em volta da mesa de jantar e nenhuma palavra sobre política até o momento.

- “Pode me passar a torta?”

- “Como acabou a mortadela, sobrou o capim, digo, a torta, não é mesmo?”

Silêncio. Alguns olhares. Risos amarelos.

_ “Vocês viram o que passou no jornal?”

Todos ficaram apreensivos. Seria agora que iriam tocar no assunto?

- “Roberto Carlos fará o especial de Natal em um cruzeiro.”

Ufa. Essa foi por pouco.

- “Do Cruzeiro eu só vi sobre a torcida, vocês viram?”

Alguém se engasgou, mas logo se recompôs.

- “Que prato bonito, vó. O que é?”

- “Picadinha à cubana.”

_ “Mmm...”

- “E então, onde pretendem passar as férias?”

- “Vene... za.”

Acautelou.

Mais silêncio constrangedor.

- “Célia, o bebê está chorando no berço.”

- “O choro livre.” RISOS

- “Vamos fazer um brinde? Um feliz natal e um ano novo repleto de realizações para nossa família, muita união...”

O menino Jesus deitado em sua manjedoura, testemunhava mais um natal da família tradicional, não se sabe se por esquecimento ou de forma intencional, ELE NÃO era a atração a principal.

Minha mãe tinha apenas 16 anos quando nasci, então, posso dizer que crescemos juntas e muita coisa do que sou hoje veio do aprendizado de uma mistura de infâncias. Meu nome foi escolhido em homenagem a uma personagem de um filme que estreava em 1989, ano do meu nascimento, e talvez por isso elegi “Driving Miss Daisy” como um dos melhores filmes que já vi. Minhas primeiras experiências com literatura foi no tempo de escola, em que escrevia, dirigia e interpretava peças teatrais. Aos 16 anos decidi cursar Letras e tive o contato sério com o universo literário, mas a insegurança me levou pra longe, de forma sensível e geograficamente. Hoje, 12 anos depois, estou de volta à “casa literária” em busca de um resgate àquele espírito que animava minha matéria.

NOSSO ABRAÇO

CRISTIANO SILVA RATO

No ponto. Um movimento. Parado. Vejo um sorriso. Caí. Uma poça. O tempo não me perdoou, me arrasta como um arranhão durante o precipício dos braços e bocas mudas, dos olhos vermelhos e as rugas nos rostos. Todos estavam miseráveis. Arrumavam os rostos perdidos em silêncio, vazio, um urso protelando discursos desconfortáveis em posto público.

Muitas pessoas na fila do ônibus. Uma senhora parada, com roupa florida, não comporta as rugas em seus olhos, perdão, acho que não tinha mais de trinta anos, contudo sua alma e seu corpo já amargos denunciam as tardes fritando pastéis e sendo maltratada pelo... por mim, por você, por todos aqueles que esperam o ônibus. É preciso não ver nada, nem ninguém. É preciso estar mudo, sem sorrisos, sem lágrimas. Somente um cigarro.

“Olá, Dora. Como foi o dia?”

Um profundo desconforto. Um trago abafado. Mas não diz. Nós somos mudos, e toda história contada é uma mágoa da arcaica classe média, uma visão pobre de operários que não sabem sobre si. Aperta as mãos de Dora e lhe dá uma vontade desesperada de um trago de cachaça, pode ser cerveja, não ligaria, só precisa beber o dia.

“Aceita?”

E nisso, dá dois passos laterais. É preciso continuar na fila. Olha para sua irmã e pensa no tempo que ela esperava ali. Quantas pessoas passaram por ali? Quantos garotos? Quantas meninas? Quantos *viados*? Quantas *viadas*? E nisso, sorri uma quantidade irritante de desejos e reclamações. Olha para o lado, enojada com tudo aquilo. Quando foi que perdera seus sonhos?

A noite chegou como se fosse um sonho, inventado, após o esquecimento. Me veio uma memória, antiga, meio de museu. Enquanto esperávamos o ônibus. Era verão e visitávamos nossa avó no interior de Minas, o sol queimava como se estivesse a um passo da terra, estava quente e não importava a hora, todo nosso corpo escorria suor como se

tivéssemos acabado de correr. Sentia a todo o momento o desejo de estar coberto pelo frescor do banho, mas era um sentimento demasiado urbano, para mim, naquela época.

O jeito era aproveitar um açude que compartilhávamos com todos, logo depois do campo de futebol, não era bem um campo de futebol, estava mais para um lugar de passagem onde cresceu uma grama desordenada. Atuávamos como uma máquina com bola e pés descalços e, no fim, o campo sempre saía com alguns pontos tingidos de vermelho sangue fresco, espécie de vilarejo, que ficava a uma hora de caminhada da casa de vó.

Como se fosse lampejo, olho para a minha irmã.

“Devolve”.

“Por quê? Seu maço tá cheio”.

Dora deu dois passos para trás, sentiu um vazio de rancor, de ser contrariada. A irmã expressou algo, sem nome, sem sentindo, mas ela sentiu medo.

“Ai, que isso? É só um cigarro”.

“Devolve”.

Moravam perto. Uma da outra.

Desceram no ponto certo. A irmã pegou o maço de San Marino. Acendeu um cigarro e deu outro para Dora. Sempre reclama. “Vá compra seu cigarro, vício cada um sustenta o seu”. Mas não adiantava.

Compraram uma cerveja no boteco da Dona Lia. Dora pagou.

Na esquina olharam uma no olho da outra como de costume e desejaram um bom descanso.

Abraçaram-se demoradamente, como se o dia não fosse ter fim.

Um carro, novo, destes pagos a milhares de prestações, parou devagar, sem nenhum chiado. O motorista gritou:

“Bosta. Ele ganhou. Vocês vão ver, suas vagabundas”. Puxou a arma.

Cristiano Silva Rato nasceu em Japonvar, norte de Minas Gerais. Atualmente vive no Morro do Papagaio, em Belo Horizonte. Publicou o livro *Sentido Suspenso* (Editora Multifoco, 2012), possui textos espalhados pela web (Mallamargens, Balaio de Notícias, e outros) e fanzines. É co-criador do programa *Literatura no Boteco* e foi colunista da revista eletrônica *Caos & Letras*, quando tudo isso aqui era mato.

DIA DOS MORTOS

EDUARDO SABINO

As pessoas à janela saudaram a carreta com aplausos e foguetes, à frente da comitiva uma hilux cabine dupla levava o morto, um caixão improvisado tingido de vermelho sanguíneo.

Turistas desinformados ou bêbados poderiam se perguntar se aquele era o Dia dos Mortos, se tinham desembarcado no México por engano ou pesquisado sites sem credibilidade. Não, de jeito nenhum: estavam mesmo abaixo da linha da cintura da América e neste país, desde que o morto não seja um inimigo, ninguém costuma festejar a morte.

Pois neste dia sim, a festejavam com euforia: o pisca-pisca nos apartamentos, a música em ritmo de axé sincronizada nos carros de som; homens, mulheres e crianças a berrar palavras de ordem e jogar serpentinas e confetes das varandas.

Então os prédios sumiram, as casas se rarearam, o cortejo ganhou ruas escuras, menos movimentadas, e encerrou-se num portão vigiado por militares. O motorista sinalizou aos vigilantes e desceu o vidro. Eles conferiram as identidades e o portão se abriu.

Os outros carros tiveram que dar meia volta e os motoristas o fizeram em silêncio, entristecidos. A partir daí, a placa era bem clara, *somente pessoal autorizado*. Desceram o caixão da hillux e rasgaram a tampa de papelão. O jovem estava arreventado, um corpo ainda quente. Hematomas roxos e inchaços nas pálpebras, a testa marcada de feridas e saliências, o nariz rompido e torto, a boca estourada, dedos sem unhas, violentado da cabeça aos pés. Arrastaram-no até o terreno vago, um cemitério diferente, sem sepulturas e cruzeiros. Enquanto um militar buscou as pás na carroceria e abriu a cova, o outro fumou o resto do beque encontrado na calça do morto tranquilamente enquanto observava um

céu estrelado, talvez alguma estrela morta ali no meio brilhando em solidariedade ao cadáver.

Cova aberta, desceram o defunto e a terra. Depois a bateram com as pás, deram-se as mãos e rezaram um pai-nosso. No outro lado do muro, alguém entoava o hino nacional.

Eduardo Sabino é mineiro de Nova Lima, autor do livro *Naufrágio entre amigos* (Editora Patuá, 2016). É um dos criadores do programa de entrevistas *Literatura no Boteco*. Em 2015, venceu, com o conto “Sombras”, o prêmio literário Brasil em Prosa, organizado pelo jornal O Globo e a Amazon.

SEÇÃO 64

WANDER SHIRUKAYA

Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas.

Machado de Assis, “O espelho”.

Zero. Cinco. Cinco. Dois. O homem quase disparava quando interrompido pela mesária que, risinho no canto do lábio, lembra de confirmar a identidade biométrica antes de votar. Desculpa, moça. O rapaz esfrega as mãos na barra da calça para reduzir os efeitos da hiperidrose. O bip da urna autoriza enfim a votação.

Ele entra no rito pelo futuro do seu país, respira fundo pelo diafragma – mais de uma vez, conforme aprendera com a professora de yoga que acompanhava pelo youtube. Abrindo os olhos devagar, a tela com os dois quadrados, o primeiro piscando.

Eleitor está demorando: a mesária recebe a mensagem do sistema e pergunta se há algum problema.

Ele digita o primeiro número. O segundo. Respira novamente. Pisca algumas vezes os olhos. A foto aparece.

— Moça, tem algum problema aqui.

— Se errou o número, por favor, aperta o laranja e digita de novo.

— Não, não é isso. É que...

— Senhor, não posso olhar a votação, só posso te orientar daqui. Se o senhor colocou o número certo e apareceu a foto, aperte no verde que confirma.

À porta da seção, uma fila tímida resmunga sem polidez. Porra de bêbados. Era pra proibir esse povo de votar. Meu filho em casa esperando. E eu que marquei praia depois do almoço. Enche o saco da mesária pra resolver isso logo. Mesário tem moral não, chama logo a polícia lá fora.

Eleitor está demorando.

— Então, senhor – prossegue a mesária –, qual o problema?

— É que.

— Por favor, senhor.

— A foto. Esse não é meu candidato.

Eu não falei que tinha fraude? Eu vi no zap falando, você digita e aparece a foto do outro. Essa porra de eleição não serve pra nada. A secretária pede aos presentes na fila pra que se acalmem. O votante, por sua vez, tenta pegar o celular no birô. Os mesários se erguem pra evitar. Senhor, o senhor não pode filmar a urna, dá cadeia. E fraudar a urna não dá?

Alguém na fila vai fora do prédio. Procura a polícia.

— Calma, gente. Deixa ele explicar o que tá acontecendo.

— Esse não é meu candidato. Tem problema com a foto. E não me diga que não sei votar.

Tá, calma. A mesária liga para a Justiça Eleitoral, sabe o que fazer, mas em tempos acirrados, melhor ter o apoio para que depois o que conste em ata seja referendado. Chama o fiscal de coligação, rapaz franzino, olhos de *acordei quatro da manhã*. Chama a fiscal da coligação oposta, alisava a barriga de 28 semanas enquanto respondia mensagens no celular. Escutem, registrarei em ata tudo que acontecer, mas temos de dar um jeito, senão esse rapaz vai continuar atrasando a votação, já tem muito tempo que ele está para votar e não explica direito o que tá acontecendo. Vocês vão me acompanhar e nós veremos o problema.

— Esse não é meu candidato. Só isso. Não precisa chamar polícia. Mas que é fraude, é.

A mesária e os fiscais se aproximam da urna. O celular da fiscal cai da mão, escorrega pelo tobogã da barriga, se estatela no chão.

O rapaz continuava olhando para a urna como se quisesse transcender o universo. O mesmo comportamento logo surgiu nos demais. Esse não é meu candidato. De fato, aquele não era o candidato dele.

Nem de ninguém.

O Senhor da foto tinha semblante solene, sobrancelhas serenas, olhar altivo. Tudo com muitos adjetivos. O olhar, por sinal, parecia olhar para infinito tal como os presentes na seção. A roupa bem apanhada, o verde-musgo do tecido grosso podia ser visto mesmo na foto em preto e branco. Bolsos muito bem abotoados para evitar a prisão. Coluna ereta notada pelo gogó erguido – quase um galo. Um galo na roupa de alferes.

A mesária quase tropeça na fiação, corre ao telefone. Preciso de um técnico aqui na seção 64. E não tarda os técnicos da justiça fazem a mesma cara. Deve ser algum problema de outra ordem na urna. Não tem como hackear. O povo na fila diz que tem, que viu no youtube o hacker que trabalhou na Polícia Federal falando. Calma, gente, não atrapalhem. Pronto, urna nova. Configuração feita, reiniciar votação. O secretário tudo anota para a redação da ata às cinco da tarde.

— Esse não é meu candidato.

O alferes permanecia lá. O mesmo olhar contemplativo, os mesmos bolsos abotoados. Os curiosos da fila à porta, já gritando sobre fraude. Mais um sai atrás de polícia. Discussão na fila. Discussão na seção. A fiscal ainda tenta encaixar os cacos do celular. O outro observa a roupa do eleitor. Que estranho. Olhos na tela da urna. Olhos no eleitor. Olhos na urna.

— As suas roupas se parecem.

Eis que o homem compara, compara e compara. Desabotoa a roupa, os mesários franzindo a testa, tira a parte de cima da farda. Os técnicos igualmente atônitos: a foto. Que foto?

Voto em branco. Confirmar?

O outro mesário liga para o juiz eleitoral. A foto do candidato desapareceu. Nunca vi isso antes, meu Jesus. E foi o eleitor recolocar a farda e o candidato na tela reapareceu perguntando confirmação. O eleitor cava a caspa da cabeça. Pensa em confirmar o voto,

dedo na tecla verde. Senhor, a foto não corresponde a nenhum dos candidatos, peço que espere a gente resolver, pra não anular o voto. O eleitor ouve a ladainha mais focado no olhar do candidato. Puxa a gola da farda, a foto esmaece. Abre novamente uns botões, mal se vê mais fotografia. Recompõe-se e o retrato volta a dominar as atenções. Um soco leve na banca próximo à urna. Que droga. Esse não é meu candidato, não vim votar nesse aí, respira fundo, diafragma enchendo, tem coisa errada aí, os presentes pedem calma, mas remexem folhas, manuais, leem e não chegam a lugar algum, cara, vou embora, espera, senhor, o senhor tem que votar. O eleitor se enfurece, tira a farda e a atira no chão. Senhor, o senhor precisa votar.

Já ia saindo quando deu meia volta. O quadro em branco na tela. Deseja confirmar?

Mais uma vez respira.

Alguns passos atrás. A tecla verde. Confirma. Fim da votação.

Aplausos e até um *glória a Deus* vindo da fila.

A mesária pede desculpas pelo transtorno. Os técnicos tentam ver se está tudo ok com a urna. Aparentemente, tudo normal.

O eleitor vai saindo. Na porta da seção, a imagem turva, o corpo desabando. O secretário tenta ajudar, o eleitor parece sem pulso. Alguém chama a ambulância, por favor. Uma moça na fila diz entender de enfermagem. Os demais seguem a votação. A mesária dita os números do título, zero, cinco, oito.

Quando o juiz enfim chega, a votação já seguia seu curso.

Pernambucano nascido em São Paulo, Wander Shirukaya é autor de Balelas (2011) e Ascensão e queda (2015).

O DIABO É COMUNISTA

IVANDRO MENEZES

Deus levantou um homem bom, irmãos. Ele não é cristão, é verdade, mas está levantando as bandeiras da verdade, da família, da moralidade. Não tem medo de se posicionar quanto à questão do aborto, quando a imundície, a abominação da ideologia de gênero. Esses canalhas comunistas não têm limites. Eles querem perverter nossas crianças, transformá-las em homossexuais, em vítimas de seus desejos imundos. Querem criar pequenos homossexuais para atenderem as suas paixões, a sua carne. É, irmão, querem transformar seu filho, sua filha, seu neto, sua neta, na próxima geração de afeminados, de sodomitas. Estão querendo ensinar nas escolas, para crianças de dois, três, quatro, cinco anos, que é normal, veja bem, que é normal um homem beijar outro homem e uma mulher beijar outra mulher. Está escrito, irmão, é abominação. Depois, a gente é que é radical. Vou dizer o que é radical. Escute bem, radical é um homem deitar com outro homem. Radical é uma mulher deitar com outra mulher. Radical é alguém me pedir para achar isso normal. Não, não, não. Não vou achar normal nunca. Isso é aberração. Simples assim. Aberração. Nem me venha com argumentação bonita, eu creio no que está escrito nesse livro. Essa é a palavra da salvação. É por isso, irmãos, e eu digo sem medo, é por isso que deus o escolheu para governar essa nação. Para lutar o bom combate, para lutar contra o maligno e suas ideologias malditas. Vou lhe dizer uma coisa, se você é cristão, cristão de verdade – e lá no fundo você sabe – você não vota no PT. Você não vota nesses candidatos que se dizem cristãos, mas quando a coisa aperta, escolhe os homens. Marina, você vai votar contra o aborto? É, é, é... É coisa nenhuma. A palavra do crente é sim sim, não não. Ou se é firme com o evangelho, ou não se é nada. Ou se serve a deus ou ao diabo. Ninguém serve a dois senhores. Posso ouvir um amém? Veja bem, irmão, o PT, essa corja, essa quadrilha, saqueou o nosso país. Roubou daqueles que estão morrendo nos hospitais, dos que não tem onde morar. Eles espalharam o seu veneno nas escolas, na televisão, nas universidades. Tenham cuidado, irmãos, com os seus filhos na universidade. Temos de abrir os olhos dos nossos jovens. O que mais temos visto são crentes que se desviam quando vão para as universidades. Ficam contaminados com o palavreado bonito desses professores ateus, homossexuais e maconheiros. Não tem um que seja honrado, não tem um bom sequer naquele antro de comunismo e libertinagem. A gente não pode ficar refém disso. A gente precisa se levantar contra isso. E não é orando apenas, não é jejuando apenas, mas levantando a nossa voz nas urnas. Votando para botar para fora, para excomungar essa doutrina maligna do comunismo do nosso meio. Nós somos a voz profética para essa nação. Somos a trombeta da justiça, a voz que clama no deserto, a sentinela que vigia à meia-noite. Nós não podemos nos calar. Não podemos deixar o diabo nos tragar para o lamaçal do pecado, onde essa corja se diverte vendo as nossas famílias afundarem, nossos filhos e filhas caírem nas drogas, na libertinagem, na bebida, no pecado. O diabo sorri, irmão, quando um crente se desvia. Estamos em guerra contra o diabo. Estamos em guerra contra o comunismo do PT. Marx, o deus deles, escreveu que

o homem deve se deitar com outros homens e a mulher outras mulheres. Precisamos orar e vigiar. É o próprio diabo quem está por trás dessa doutrina. Mas o nosso candidato foi levantado por deus. Eles até tentaram matar, mas o ungido de deus, o valente que deus levantou para essa nação, não vai cair tão facilmente. Não cai, irmão, porque quando deus levanta, deus se responsabiliza. Ele acampa seus anjos, aleluia, para o proteger. O excelso salvador está lá do céu dizendo, não temas, meu filho, eu te escolhi. O homem tenta e tenta, mas quando o senhor, aleluia, quando o senhor, aleluia, quando o senhor garante a vitória, ninguém, tá me ouvindo, satanás? Ninguém a tira das mãos do senhor. A-le-luia. Posso ouvir um amém? O diabo é vermelho, irmãos. Não se enganem, o diabo é comunista. Mas nós não nos abalamos, porque deus está do nosso lado. Ele é a nossa vitória. Eles vão tentar, vão mentir, vão tentar distorcer as palavras do nosso candidato. Mas não é isso que a serpente fez lá no paraíso? Não foi a serpente que distorceu as palavras que deus disse? O PT é a serpente no jardim. E digo mais, se você vota no PT é porque você ainda não se converteu, e o espírito santo não se move em você. Se você ainda tem dúvida, me procure depois do culto. Eu vou orar por você e deus, em sua infinita bondade e misericórdia, vai tocar em seu coração. Ele te revelará a verdade e a verdade o libertará. Não, irmão, o sacrifício de Jesus não é o bastante. Você tem de vigiar, de lutar contra o inimigo. E o inimigo é vermelho. Eu pedi para colocarem no boletim, lá os irmãos vão ver que até os dez mandamentos eles inventaram. Lênin foi o fundador da União Soviética, irmão, o responsável por introduzir essa doutrina maligna sobre um povo. Eu baixei lá da internet. É tudo verdade, irmãos. Esse demônio diz que devemos é pra dar liberdade sexual para os jovens. Misericórdia, irmão, eles querem corromper as nossas crianças desde a infância. Foi por isso, para cumprir os mandamentos de seu deus, que o PT criou o kit gay. A gente não pode aceitar uma coisa dessas. Eles tentaram esconder, mas não há nada oculto que não venha a ser revelado. Deus ama a justiça. Deus abomina o pecado, irmãos. Ele nos revelou a tempo. E se ele usou a jumenta de Balaão para falar com o seu povo, não haveria de levantar uma outra jumenta? E ele levantou. Trouxe um homem de coragem, um general, ou melhor, um capitão, para liderar uma guerra em favor de nossas crianças, da moralidade, daquilo que é certo, para endireitar os rumos do Brasil, em direção à honestidade, à verdade, ao que é certo. Assim como deus fez ao levantar Ciro II para proteger o povo de Israel, ele está fazendo agora. E nós não podemos nos omitir. Não podemos ser como Pedro que negou a Cristo três vezes. Você quer ser como Pedro, irmão Bruno? E a senhora, irmã Melissa? Não, né. Eles querem nos apedrejar, mas nós lutaremos com nossas orações, com nosso jejum e com o nosso voto. Faremos dessa nação uma nação rendida aos pés do senhor. Marcharemos lado a lado ao capitão, para expulsar das escolas essa ideologia de gênero, essa psicologia que diz que menino não é menino e menina não é menina. Isso é coisa do demônio. O comunismo não tem parte com deus. E se você é comunista, você não pode ser cristão. Não tem como ter parte com deus, nem deus tem parte com você. Deus é o deus do impossível, mas mesmo para ele há limites. E o limite é a verdade. E a verdade não muda. Não tente nem argumentar, falando desses filósofos ateus, demoníacos que enchem as cabeças dos nossos jovens nas universidades. Não vamos nos curvar a Baal. Não nos contaminaremos com os manjares do rei da Babilônia. Amém? Não tem choro, nem vela. Saiba que deus está te avisando, aí é de acordo com a sua consciência. Eu não vou pro céu por você. Mas também não vou

pro inferno com você. Eu vou para o céu, porque eu fiz a escolha certa. Eu escolhi a verdade, ao invés da mentira. Eu escolhi ter parte com deus e não com o diabo. E você?

Ivandro Menezes é paraibano e vive na Bahia, onde é professor universitário. Escreveu *contos de Sangrem os porcos, depenem os frangos* (2018), lançado pela Editora Moinhos.

NOVA

ROBERTO MENEZES

Nova se sentia velha.

Tinha saudade dos primeiros tempos quando era olhada com interesse, levantava suspiros, desejos e invejas. Foi um período de entusiasmo. Não estava preparada para que de um dia para o outro fosse trocada, assim, por uma mais nova. Mas foi. O seu tempo de brilho durou exatamente um mês. Depois disso, ficaram escassos os momentos em que se via como centro das atenções. Agora passava despercebida pelos cantos, esquecida.

Nova estava fadada ao mesmo fim das outras Novas.

Certo dia, Nova conheceu Claudía. Foi assim, um encontro casual. Claudía, ao contrário dela, era conformada com sua situação de ser substituída por novas Claudias que mensalmente chegavam. “Todas temos certo tempo, o nosso já passou”. Mas Nova não queria se conformar. Não queria envelhecer da mesma maneira que Claudia. E para isso, fazia de tudo, até ficar na frente da mais recente Nova para que por confusão se interessassem por ela. Contudo, as coisas não eram tão simples o quanto pareciam. Quem um dia já tinha estado com ela, não queria passar a vida inteira repetindo esse processo. Era uma luta inglória.

Quando ela quase desistiu de seus intentos, veio a reviravolta em sua vida. Era sexta-feira. Ela, oito outras Novas e cinco Claudias, foram pegas e levadas a um lugar em que nunca estiveram. Era bem iluminado, cheirava a tinta fresca. Não havia ninguém lá. Os dias passaram, e elas esperavam. Algo importante iria acontecer. Até que certa manhã, o lugar começou a ser freqüentado por pessoas, e ela finalmente teve o que sempre procurou, voltou a ser vista.

Nova parecia viver um sonho. Não parava nem um segundo. Suas páginas eram reviradas o tempo todo, levantando suspiros de mulheres e homens. Nunca sua auto-estima esteve tão elevada. Tudo era intenso. Não havia intervalo para descanso. E quem queria descansar? Nova era que não. O dia inteiro, sem parar. Esperta, encurvava suas páginas na melhor posição, seduzindo com suas belas fotografias e matérias cheias de relevantes situações. O dia inteiro sem parar.

Quando a noite vinha, ela exausta deitava e dormia. E sonhava, sonhava com o próximo dia. E sem demorar o próximo dia vinha e tudo se repetia, repetia, repetia. Nova até imaginou ser o céu aquele consultório de odontologia.

Até que veio Claudia mostrar detalhes que Nova não via, disseminar sentimentos que Nova não sentia. Justo Claudia, a conformada, a que sempre apontou para ela que o destino era o melhor senhor para quem tem tino. “Nova, apenas somos usadas, abusadas e jogadas de lado. Veja como eles passam as nossas páginas. Arrancam nossas fotos. Levam embora nossos pedaços. E só, Nova”. “Mas Claudia, para sempre seremos vistas,

todo dia, todo dia.”. “Vistas, folheadas e esquecidas. Quantos que te passaram com pressa voltaram para dar mais atenção?”, “...”, “Todo dia chegam desconhecidos e tocam na gente como se a gente fosse propriedade deles”. “Mas Claudia, antes disso do que o esquecimento em um baú de inutilidades”, “Antes esquecidas! Melhor a lembrança de um curto tempo em que fomos realmente felizes. É certo que foram poucos que nos tiveram, mas nos tiveram, posso estar sendo piegas, com toda a alma. Estes daqui, sem zelo nenhum nos jogam ao lado quando vêm uma com a capa mais interessante, e vai fazer com a outra o mesmo que fez conosco. Aqui, nesse inferno, que você pode até cometer a infâmia de achar que é o céu, não há respeito entre as Claudias e as Novas. Não há a nova Claudia. Não há a nova Nova. Todas somos as velhas novas Claudias e novas velhas Novas”.

Nova relutou, discordou, mas quando o outro dia chegou, não pôde deixar de perceber os detalhes apontados por Claudia. Sentiu que os dedos sujos que lhe tocavam não tinham um outro objetivo a não ser o de passar o tempo, antes de serem chamados para a consulta e assim desaparecerem. E para testificar essa constatação, alguns fatos que sempre aconteciam, se repetiram naquele dia. Viu-se com páginas arrancadas, enrugadas por causa da água caída dos copos descartáveis, amassadas pelas diversas vezes que sem peso na consciência sentavam nela.

De um dia para o outro, a velha Nova que achava ter se renovado, sentiu-se como uma velha, mais do que nunca.

Confusa, em loucura súbita, aproveitou um descuido em que a janela estava aberta, e pulou em um vôo suicida do décimo quinto andar. Determinou assim no desespero encerrar a angústia. Antes de se chocar com o chão, imaginou sendo vista por milhares, em notícia de capa que viria estampada no outro dia em todos os jornais:

Revista Nova de Março/2008: o mundo lamenta sua morte.

Fechou os olhos e esperou o seu fim. Claudia lá de cima gritou: “Acudam”. Mas de nada adiantou. Nova foi atropelada por um Ford Ka. Suas páginas rasgaram-se no trânsito. Os pedaços voaram na brisa. No anoitecer, pareciam borboletas.

Nova se sentiu livre.

Roberto Menezes é paraibano e nasceu em 1978. É professor da Universidade Federal da Paraíba. Faz parte do Clube do Conto da Paraíba. É autor de *Pirilampos Cegos*, *O Gosto Amargo de Qualquer Coisa*, *Despoemas*, *Julho é um bom mês pra morrer*, *Palavras que devoram lágrimas* e *Conversas de Jardim*. Foi vencedor do Prêmio José Lins do Rego (2011). É um dos criadores da *FLIPOBRE*.

VOZ DO POVO

BRUNO RIBEIRO

O ex-presidente estava dormindo quando eles chegaram.

Black Blocs aposentados e cansados, desde a famigerada eleição de 2018 que eles se tornaram algo a mais, não apenas um grupo com táticas de ações diretas nas ruas, mas um grupo que também comete assassinatos contra grupos fascistas e autoritários. Já faz alguns anos que eles vêm causando transtornos para o então presidente, que fortaleceu a repressão policial e liberou os policiais e militares para “matar geral”.

Desde que o grupo se tornou o que é hoje, uma potência violenta e transgressora contra o autoritarismo, dois membros já foram mortos. Causas desconhecidas, o noticiário disse. Entretanto, eles sabem que a causa foi bala na cabeça seguida de corpo jogado numa vala qualquer. Os corpos no Brasil de hoje somem misteriosamente. Corpos dormindo que acordam alojados com 23 balas. Corpos fodendo que acordam com pescoços cortados. Corpos sorrindo sendo mutilados e pendurados nos varais da finada democracia. Os opositores não podem mais dormir. O olho aberto e vívido tornou-se uma bandeira para aqueles que criticam o presidente.

Entretanto, o ex-presidente dorme. Apesar dos pesares e rodeado por guardas na prisão de Curitiba, que o zoam diariamente ao fazerem bolões de quando ele morrerá, o ex-presidente dorme, pois sabe que ali, pelo menos ali, ninguém poderia matá-lo. Estamos em uma autocracia, mas ainda existem certos parâmetros que não podem ser quebrados. Na torre de marfim onde o ex-presidente reside, a entrada de invasores é praticamente impossível. Mas, dentro de todos os órgãos públicos do país, existe uma semente. E esta semente que residia como policial federal em Curitiba tinha passe livre nessa torre de marfim. E, para melhorar, fazia parte deste grupo que já havia sido Black Bloc no passado. Um grupo tão sorrateiro que preferiu não criar nomes para si, entretanto, havia nome em suas entranhas, e era “Sul”.

Em uma madrugada, este policial federal planejou as rotas e abriu caminho para o “Sul” na torre de marfim. Às cinco da manhã, um dos membros estacionou uma Kombi ao lado de uma enorme lixeira, enquanto o outro com um pé de cabra forçava o portão de aço por onde as faxineiras passavam para deixar o lixo. Sem demora, o cadeado cedeu e eles passaram. Enquanto isso, o policial federal infiltrado já estava na solitária onde residia o ex-presidente. “O senhor está pronto?”. O ex-presidente disse que estava. Houve silêncio seguido de ruídos. O rapaz do pé de cabra chegou e perguntou para o policial federal se estava tudo certo.

“Rápido”, disse ao abrir a cela do ex-presidente.

Os membros venceram mais algumas portas e liberaram caminho para o então ex-presidente.

Pedaços de folhas secas caíam na torre de marfim. Curitiba era cinza e morta. Os membros do “Sul” cortavam pescoços de guardas, outros desmaiavam de nervoso e acordavam feito feras, um sinal foi acionado, apito e gritaria, mas tudo já estava seguindo conforme o plano; portas explodidas, mortes, tiroteio, tudo isso enquanto diversas pessoas de roupa preta gritando “Sul” carregava o ex-presidente abatido e o colocava na Kombi branca. O motor apitou. Fumaça. Histeria. Mídia em alvoroço. Os comunistas voltaram?

O grupo celebrou o resgate. O policial federal perguntou se o ex-presidente estava bem. Ele, com certo esforço, esboçou um sorriso. Tudo estava bem, companheiro. Vamos buscar asilo. Vamos alcançar a revolução. Agora, temos chance. Juntos. Enquanto celebravam, o motorista acelerava entre as curvas da cidade. Um membro que estava no banco do passageiro pegou o telefone e ligou para alguém.

“Conseguimos. E agora?”

Após alguns minutos de silêncio, ele disse “ok”. Desligou o celular e deu um toque no ombro do motorista, que após alguns segundos parou o carro. O policial federal perguntou o que estava havendo e antes de concluir o questionamento levou alguns socos na cara até ficar desacordado. O ex-presidente levou uma coronhada e outro membro que estava em choque também levou uma na nuca.

“Pronto”, disse o motorista, “vamos pra lá?”.

“Eles já estão nos esperando.”

O presidente veio a público falar da tentativa de fuga do ex-presidente. Falou que eles só conseguiram localizar o fugitivo graças ao esforço de alguns jovens que estavam infiltrados na célula terrorista chamada “Sul”, que apoiava os terroristas do MTST. Este grupo também tinham ligações com o foragido da extrema-esquerda, aquele que ama “tomar a casa dos outros”. Quem auxiliava o “Sul” era um policial federal corrupto e comunista que abriu as portas da torre de marfim onde o ex-presidente estava.

Obviamente que o infiltrado e todos os membros do “Sul” sumiram de forma misteriosa. Em algum buraco de Curitiba ou do Rio de Janeiro, os pedaços dos seus corpos deviam estar espalhados feito os milhões de pingos da chuva que insistiam em cair neste dia de sérias resoluções e decisões para o país.

Para que coisas assim não ocorressem novamente e para o governo continuar com sua luta ferrenha para extinguir o comunismo do Brasil, o presidente propôs um plebiscito: o ex-presidente devia morrer ou permanecer vivo em outra prisão? O povo deveria votar pela cabeça do ex-presidente. A ideia foi controversa, obviamente que o mundo todo foi contra esse delírio e a própria mídia brasileira achou que o presidente foi longe demais,

entretanto o Brasil já havia perdido seus limites, o absurdo tornou-se nossa lei e o plebiscito foi às ruas.

Os dias passaram.

O povo, seguindo as leis e as normas, saiu de casa e votou.

O futuro chegou. O ex-presidente e alguns funcionários do governo do presidente seguiram até um prédio envidraçado e com muitos andares, uns 103, e caminharam até o elevador. Após um tempo, pararam no andar 63. Três mulheres loiras com camisas do Brasil e sorridentes receberam o ex-presidente. Os funcionários desceram. As três mulheres o levaram até uma sala vermelha, com um imenso sofá encostado à parede. A única coisa que não era vermelha na sala era uma banheira azul. As mulheres tiraram a roupa do ex-presidente, deixando-o nu. Duas outras mulheres, loiras e com camisa do Brasil, entraram na sala vermelha trazendo uma bacia dourada. Um das mulheres tirou do bolso um saquinho com pó vermelho e o jogou na bacia; a fumaça avermelhada subiu veemente, cobrindo as mulheres que aplaudiam e gemiam sem parar. O ex-presidente as observava sem demonstrar nenhum sentimento. “Aplauda”, elas disseram. O ex-presidente começou a aplaudir. Quando a fumaça cessou, duas mulheres loiras com a camisa do Brasil saíram da sala. As que restaram conduziram o ex-presidente para a banheira azul. Uma delas pegou um barbeador, pente, sabonete. Cortaram sua barba, ajeitaram seu cabelo, colocaram água na banheira e até massagearam o ex-presidente. Elas pegaram um espelho para que ele pudesse se ver. O ex-presidente viu o reflexo do vazio. A água estava quente e acolhia o corpo cansado do homem, que terminou cochilando por alguns minutos e sonhando com 2003. Elas passaram xampu e condicionador nos seus cabelos, alisaram seu pau com movimentos carinhosos e beijaram seu pescoço. Terminado o banho, elas o enrolaram em uma toalha. Secaram o enorme corpo do homem e o vestiram com um manto vermelho. Calçaram sapatos vermelhos também, com figuras célebres do comunismo, como Lênin e Stalin. Botaram uma boina na cabeça do ex-presidente. Disseram: “pronto”. Na porta do edifício envidraçado, as mulheres entregaram o ex-presidente para alguns militares. “Brasília nunca verá novamente um espetáculo como este”, disse uma das loiras, completamente emocionada. Os militares emocionados concordaram com a cabeça e levaram o homem até a entrada do Palácio da Alvorada, onde um grande público estava reunido nas redondezas. Tropas de policiais, tanques de guerra, soldados, toda a força do governo estava presente para evitar a violência. Toda forma de ativismo já havia sido neutralizada, fazendo com que o grande evento pudesse ocorrer sem maiores incômodos. Um dos oficiais levantou o braço do ex-presidente, fazendo com que fogos de artifício verdes e amarelos riscassem o céu do fim da tarde. Mais pessoas chegavam às áreas permitidas para ver o espetáculo. Algumas crianças saíram de dentro do Palácio e começaram a dançar em volta do ex-presidente. Todas elas eram loirinhas e tinham bochechinhas rosadas, cantavam “comunista viado, comunista viado, comunista viado” em uníssono. Uma das loiras que cuidaram do ex-presidente chegou e falou algumas coisas. O povo aplaudiu. Depois,

algumas pessoas com uniformes negros trouxeram uma estaca com uma bandeira do Brasil acoplada em sua ponta afiada. Após fixarem o troço no chão e cantarem o hino nacional, todos fizeram um círculo ao redor do ex-presidente, que levantou a cabeça e nada falou. Ao todo, juntando oficiais, mulheres loiras e homens de uniformes negros, eram 34 pessoas. Diversas câmeras escondidas – nos postes ou na testa dos militares – se voltaram para este momento, tudo sendo transmitido ao vivo pela televisão e via streaming. Os 34 puxaram suas armas do coldre e começaram a fuzilar o ex-presidente, que teve o corpo detonado completamente. Um mar vermelho cobriu o piso da Alvorada e escorreu pelas escadas, decorando os rostos dos algozes e ensopando os pés que ali estavam. Após o ato, os homens de uniformes negros empalaram o ex-presidente na bandeira do Brasil; enfiaram o troço afiado em seu ânus e o peso do corpo fez com que a estaca perfurasse seus órgãos já mortos, entrando no torso e subindo até o povo ver a ponta da lança nascendo em seu pescoço. Houve susto, mas eles tinham que aplaudir, e assim fizeram: aplaudiram. O presidente não apareceu neste ato – temia a violência e os atentados a sua vida –, mas através de um telão, voltou a dizer que em seu governo, a voz do povo é a voz de Deus. E enquanto o sangue do ex-presidente decorava a bandeira verde e amarela do Brasil e seu corpo escorria vagarosamente na estaca, ainda era audível o som das crianças brincando no Palácio da Alvorada e cantarolando que a farra acabou, pois nossa bandeira jamais será vermelha.

Bruno Ribeiro nasceu em 1989, um mineiro radicado na Paraíba. Escritor, tradutor e roteirista. Autor do livro de contos “Arranhando Paredes” (2014) traduzido para o espanhol pela editora argentina Outsider e do romance “Febre de Enxofre” (2016), eleito um dos melhores livros do ano pelo site LiteraturaBr, Literatamy e pelo crítico literário Alfredo Monte. Mestre em Escrita Criativa pela Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), editor da Revista Sexus, foi um dos vencedores do concurso Brasil em Prosa, promovido pelo jornal O Globo e pela Amazon. O seu novo romance Glitter (2018) foi pré-selecionado ao Prêmio Sesc de Literatura 2016 e finalista da 1ª edição do Prêmio Kindle.